

A PEIXEIRA E O DITADOR

peça em três actos de

BORGES CARREIRA

ACTO I

Cena 1

A cena está mergulhada num estado de semi-obscuridade, no momento em que o pano sobe.

Abre-se uma porta na parede da esquerda, por onde entra alguma luz, a suficiente para perceber duas silhuetas que se introduzem no que aparenta ser um escritório. Uma das silhuetas acende a luz, e o escritório revela-se na totalidade.

Na parede em frente rasgam-se duas grandes portas. Para além da porta na parede esquerda, existe outra porta, na parede da direita.

Ao centro, uma secretária de cor escura, de pés torneados, em cujo tampo repousam fotografias emolduradas, canetas, pisa-papéis, mata-borrão, um candeeiro de secretária, e um telefone de cor creme claro.

Do lado direito de quem se sente à secretária, uma pequena mesa, mais baixa.

Por cima, um lustre que, neste momento, está aceso.

Existem sofás, em volta de uma mesinha baixa, e uma estante, com poucos livros. Em cima da estante, uma estatueta, representando um mocho.

As duas pessoas que entraram são duas empregadas, de uniforme de cetim preto e avental branco. Abrem as portas da parede em frente, as quais revelam duas janelas envidraçadas, que dão para um jardim. Abrem também as janelas, para arejar o escritório.

Uma varre o chão e vai sacudir o pó dos tapetes para o jardim, enquanto a outra, com um espanador, limpa o pó na secretária, na mesinha e nos sofás. Após o que limpa a parte de cima da estante.

PRIMEIRA EMPREGADA *(entre espantada e receosa)* – Mariana, olha! Uma teia de aranha junto ao mocho!

MARIANA (*aproximando-se*) – Não, pode lá ser!... A Júlia nunca deixava nada por limpar. Não. Essa teia de aranha deve ser de ontem.

Entra pela porta da esquerda outra empregada, empurrando um carrinho com pilhas de papéis e processos em capas de cartão. Esta empregada diferencia-se das outras pela cor do uniforme, que é cinzento. Empurra o carrinho até junto da secretária e começa a amontoar pilhas de papéis e processos na secretária, formando três montes distintos. Olha para as outras duas, especadas junto da estante.

TERCEIRA EMPREGADA – Que foi?

PRIMEIRA EMPREGADA – Uma teia de aranha. Uma teia de aranha junto ao mocho.

TERCEIRA EMPREGADA (*encolhendo os ombros*) – Uma teia de aranha? Ah, não me digas!?!... Uma teia de aranha? Aqui? Neste sítio? Ora... (*e começa a rir às gargalhadas*)

Contagia as outras duas, que também se começam a rir. A empregada de cinzento consegue acalmar-se.

TERCEIRA EMPREGADA – Uma teia de aranha... Ainda se fosse junto ao busto da República...

MARIANA – Nem pensar, menina. O Sr. Professor não haveria de gostar de ter aqui uma rapariga nova, com as mamas ao léu. Poucas vergonhas não são com ele. Oh, oh... Olha quem.

TERCEIRA EMPREGADA – Então se não quer uma nova, ele que experimente... Olha, a D. Amélia, que é mais velha. Sempre são mamas de rainha...

MARIANA – Nada, nada. O Sr. Professor não é nada de mulheres. (*espetando o dedo*) Ainda está para nascer a mulher que o há-de levar.

A empregada de cinzento acaba de dispor o expediente na secretária. As outras fecham as janelas, deixando as portadas abertas, e saem todas pela porta da esquerda, apagando a luz à sua saída.

Cena 2

Entra um homem alto, de meia idade, já com os cabelos grisalhos. Veste calças cinzentas, com os vincos bem apurados, e casaco cinzento claro, com uma gravata azul escura. Tem num dedo um anel de ouro, com uma pedra vermelha.

Acende o lustre, dirige-se às janelas e fecha as portadas de madeira, pausadamente, com gestos metódicos e medidos.

De pé, em frente da secretária, acende o candeeiro que nela se encontra. Retira de um bolso do casaco um pequeno estojo de onde, por sua vez, retira uns óculos em formato de meia-lua, que coloca, sempre em gestos pausados. Relanceia o olhar pelas pilhas de papéis que repousam na secretária e examina alguns. Após o que se senta, tamborila com os dedos no tampo da secretária, e pega no auscultador do telefone, discando dois algarismos.

SALAZAR – D. Maria, quem é que arrumou a minha secretária esta manhã?... Ah, foi?... É a nova, não é?... Pois diga-lhe que venha já ao meu gabinete.

Desliga e senta-se. Passados instantes, batem à porta.

SALAZAR – Entre!

Abre-se a porta da esquerda e entra a empregada com o uniforme cinzento.

SALAZAR – Chegue aqui, minha filha... Susana, não é?

SUSANA (*aproximando-se*) – Sim, Excelência.

SALAZAR (*em tom pedagógico*) - Claro. Ora, Susana, a menina sabe ler, escrever e contar, mais do que o suficiente para entender o que eu lhe vou dizer. E que é o seguinte: Quando se tem uma vida tão atarefada como a minha, cheia de tão graves responsabilidades, só se conseguem fazer as coisas com muita organização e muita ordem. Está-me a compreender?

SUSANA – Sim, Excelência.

SALAZAR (*mantendo o tom professoral, ao longo de todo o diálogo com Susana*) - Sucede, porém, que aqui em Portugal parece que eu tenho de ser para tudo – e então, não sou apenas o Presidente do Conselho, mas tenho também a meu cargo as Finanças, os Negócios Estrangeiros e a Guerra. Tudo coisas que, embora muito ligadas entre si, não se misturam. Está de acordo comigo?

SUSANA – Com certeza, Excelência. Pois claro.

SALAZAR – Muito bem. Ora, de acordo com as regras que eu próprio tracei e que, até ao presente, ainda ninguém discutiu, o expediente que me trazem para despacho, arruma-se da seguinte maneira: primeiro, à esquerda, as Finanças, depois os Negócios Estrangeiros, e, por fim, à direita, a Guerra. Isto parece-lhe arbitrário, minha filha?

SUSANA – Meu Deus, Excelência...

SALAZAR – Pois não é. Não é arbitrário. Tem a sua razão de ser. Para se fazer política, há que ter meios. Ora, sem dinheiro, também não há luxos, como a Diplomacia, nem divertimentos como a Guerra. E talvez seja do seu conhecimento que é só à custa do manejo acertado dos instrumentos financeiros e de uma Diplomacia

equilibrada, que tenho livrado o País dos horrores da guerra. Sabe isso, não sabe?

SUSANA – Sim, Excelência. Claro.

SALAZAR – Bem, bem. Ora, que vejo eu aqui? (designando com o dedo indicador direito o expediente em cima da secretária) A Guerra, à esquerda, os Negócios Estrangeiros, à direita, e as Finanças, ao centro. Ao centro! Ao centro!?... Olhe, só lhe digo que é o mundo às avessas. Já imaginou Hitler com trancinhas, no Muro das Lamentações? Pois é, exactamente, sem tirar nem pôr, a mesma coisa.

SUSANA (*aflita*) – Perdoe, Excelência, foi sem querer... Não sabia... Ninguém me disse nada...

SALAZAR – Sim, minha filha, isso é grave, é muito grave. Causa-me apreensão vê-la buscar nos outros a explicação das suas faltas, quando tudo está no senso comum.

SUSANA (*mais aflita, e chorando*) – Meu Deus, Excelência, eu não queria... Pelo amor de Deus, a Minha Senhora...

SALAZAR – É grave, sim, é grave. Mas vejo que o seu arrependimento é sincero. E como é de bom entendimento, eu explico-lhe. Já imaginou o que poderia acontecer se eu despachasse os Estrangeiros convencido de que tratava da Guerra? E a Guerra, convencido de que se tratava dos Estrangeiros? Olhe, era uma Diplomacia toda feita de hostilidade, e uma Guerra feita a brincar. Consequência – ninguém nos levava a sério, e o País era passado a ferro e fogo. Como lá fora. E pergunto eu – tanto trabalho a livrar o País dos horrores da guerra, para quê? Hmm?...

SUSANA – Meu Deus! Meu Deus!...

SALAZAR – Será que tenho que ser sempre para tudo, até para arrumar uma simples secretária?

Susana continua a chorar.

SALAZAR (*com mais suavidade*) – Pronto, pronto, agora é só pôr cada coisa no seu lugar, e não se fala mais nisso.

Susana muda de lugar as pilhas de expediente, enquanto Salazar faz gestos aprovativos com a cabeça. Depois, a rapariga fica de pé, de cabeça baixa, aguardando.

SALAZAR – Pode ir.

A rapariga sai pela mesma porta por que entrou.

Salazar embrenha-se nos montes de processos. Quando acaba de despachar um processo, coloca-o na mesinha à sua direita.

Batem três pancadas.

SALAZAR (*voz imperiosa e breve*) – Entre!

A porta da direita abre-se mansamente, e entra um indivíduo alto, magro, vestido de negro, com os cabelos negros, muito lisos, em volta da risca, em perfeita linha recta. Caminha com passos silenciosos, e curva-se ligeiramente, numa reverência continuada.

Entrega a Salazar diversos documentos dactilografados, e fica de pé, com um sorriso meio idiota, torcendo as mãos. Salazar faz um exame rápido aos documentos, e assina-os com decisão

SALAZAR (*entregando os documentos ao secretário*) – Não esqueça, Saavedra, as notas para a Embaixada Alemã não devem ser entregues directamente. Entregue-as ao Rosa Casaco e ele lhes dará destino. Só depois de seguir o correio diplomático da Embaixada Alemã é que seguem os despachos para o Monteiro, em Londres. Entendeu?

SAAVEDRA – Sim, Excelência. Perfeitamente, Excelência.
(*recua na direcção da porta da direita*)

SALAZAR – Então?

SAAVEDRA (*estacando*) – Sim, Excelência?

SALAZAR – Não se está a esquecer de nada?

SAAVEDRA (*fazendo a expressão de quem esforça a memória*) – aaaaaa....

SALAZAR – E os processos já despachados? Não se levam?

SAAVEDRA (*levando a mão ao peito*) – Oohhh!... Mil perdões, Excelência!... (*avança até à mesinha e recolhe os processos que lá se encontram. Recua novamente, com as mãos ocupadas, em direcção à porta da direita*)

SALAZAR – Ah, Saavedra (*este estaca novamente e faz uma expressão preocupada*), o Dr. António Ferro não deve tardar. Quando ele chegar, encaminhe-o logo para aqui. Ele que não perca tempo em conversas, que preciso muito de o ouvir, e o meu tempo está muito contado. Percebeu? Agora vá, não se detenha.

SAAVEDRA – Com certeza, Excelência. (*sai pela porta da direita*)

Salazar fica novamente sozinho, absorto em papéis que lê, e em que introduz algumas notas. Toca o telefone. Atende.

SALAZAR – Ah, sim, mande-o entrar.

Passados momentos, entra pela porta da esquerda um homem gordo, de sorriso afável, vestido de cores claras, e com um jornal na

mão. Dirige-se para Salazar, de mão estendida. Este último levanta meio corpo, aperta a mão do visitante e volta a sentar-se.

ANTÓNIO FERRO – O Sr. Presidente há-de desculpar o ligeiro atraso, mas Lisboa está mesmo... Nunca se viu tanta gente... Nunca imaginei que dos Restauradores a São Bento se demorasse tanto.

SALAZAR (*apontando para um dos sofás*) – Sente-se, que deve vir cansado.

ANTÓNIO FERRO (*sentando-se*) – Com sua licença.

SALAZAR (*arrumando alguns papéis e colocando-os na mesinha do seu lado direito*) – Penso que me vai dar a sua preciosa visão dos acontecimentos.

ANTÓNIO FERRO – Precisamente.

SALAZAR – Então, diga lá.

ANTÓNIO FERRO (*enquanto Salazar lê e assina papéis, sem olhar para ele*) – Precisamente... Enfim... embora seja irresistível... e claro, inevitável, fazer um pouco de estratégia, porque, enfim, é a guerra e ninguém resiste a estender mapas nos cafés e desenhar os movimentos dos blindados e da aviação, e tal, mas o que interessa mesmo é o ponto de vista da propaganda nacional... se é que vai ser necessária propaganda e pode muito bem ser que sim... (*faz uma pausa, olhando Salazar que continua absorto no seu trabalho*) Ainda no outro dia falava com o Santos Costa, e a situação é complexa, e, se formos a ver, é mesmo complexa... Tudo aponta para o próximo colapso do III Reich ... e do que resta do fascismo italiano... E, no entanto, à última hora tudo pode mudar. Sabe-se lá, não é?... O Dr. Goebbels, que é uma pessoa que respeito muito, fala em armas novas e destruidoras. Pode muito bem ser. As tais armas de vingança são realmente poderosas, e não há defesa contra elas. Chegam sem avisar, e bum! Ora sabe-se lá que mais terão eles guardado, e com um homem desesperado ninguém se meta. (*faz uma nova pausa, como se*

esperasse uma reacção de Salazar que, todavia, não se manifesta.)
Eu sempre disse que mesmo para distorcer a verdade, é indispensável um pouquinho de verdade.

SALAZAR (*fazendo um gesto de concordância, mas sem olhar para o seu interlocutor*) – Só se distorce o que já existe. É evidente.

ANTÓNIO FERRO - E, no entanto, americanos e ingleses navegam agora livremente no Atlântico, os Americanos já estão em Paris, e em Roma, e os Russos às portas da Alemanha. E uma vez que as tropas americanas e inglesas já penetraram profundamente em França e, está claro, vão necessitar de portos de mar que não estejam destruídos e possam receber os abastecimentos de que carecem, não é?, pois então não é de afastar a hipótese de um golpe de mão na Península.

SALAZAR (*levantando o olhar dos papéis, e fitando o seu interlocutor por cima dos óculos*) – Ah, pois, pois...

ANTÓNIO FERRO – Mas, vamos lá, vamos lá, que apesar de toda a euforia, a vitória dos aliados da Inglaterra não é assim tão garantida. Não é. Mas pode acontecer. Sabe-se lá, não é? E então temos de estar prevenidos. Agora pergunto eu, e vinha a pensar nisso durante o caminho para cá... Os Alemães querem uma Ordem Nova Europeia. Pronto. Não se percebe lá muito bem o que isso é, mas, tudo bem, é um legítimo capricho dos vencedores. Então, pergunto eu, e se os Americanos e os Russos têm uma vitória total e absoluta, será que eles não vão querer também uma Ordem Nova à sua maneira? Ah, pois aí, a meu ver, aí é que está o problema!... É quem vence que pode fazer exigências. *Vae victis*, como diziam os Cartagineses. Será que os Americanos não vão querer as colónias europeias de África, a título de compensação dos gastos com a guerra? Ou será que vão deixar tudo como está?

Batem à porta.

SALAZAR – Entre!

Abre-se a porta da esquerda e entra Mariana, segurando um tabuleiro de prata, com uma cafeteira, açucareiro e duas chávenas. Atrás dela, vem uma senhora alta e magra, de cabelos negros, e vestida de escuro. Ao vê-la, António Ferro levanta-se.

ANTÓNIO FERRO – D. Maria, como está?

D. Maria faz um pequeno gesto de saudação, com alguma frieza, e mantém-se atrás de Mariana, enquanto esta pousa o tabuleiro na mesinha baixa, perto dos sofás, e enche as chávenas. Após o que ambas se retiram.

Salazar levanta-se e senta-se num dos sofás. Tanto ele como António Ferro colocam açúcar nas chávenas e remexem as colheres com lentidão.

ANTÓNIO FERRO – Também não vejo a questão como uma luta entre democracias e governos fortes. Nada disso. Olhe que eu conheço os Estados Unidos, estive lá, e não me pareceu que fosse assim tão democracia como isso. Tudo está nas aparências, e nisso os Americanos são mestres. É como no cinema. É tudo espectáculo e não é verdade (*bebe o café em pequenos tragos, enquanto Salazar parece absorto na sua chávena*) Sim senhor, isto é que é mesmo café... Delicioso, sim senhor... Pois, agora pergunto eu a mim próprio... Será que em nome das aparências não irão impor mudanças de Governo na Península? (*olha, em silêncio, para Salazar, que parece concentrado na chávena cuja conteúdo bebe com lentidão*) E se as vão impor, se isso suceder, será que, por nossa vez, poderemos entrar no jogo, manter também as aparências, entoar loas à liberdade... e manter tudo como está? E, se quer a minha resposta, ela é: Pois sim, e com toda a certeza.

Faz-se um novo silêncio.

SALAZAR – Acabou?

ANTÓNIO FERRO – Sim, Sr. Presidente.

SALAZAR – Em tudo isso que acaba de me dizer, ressalta a questão fundamental e primeira que é esta – ingleses e americanos vão ganhar a guerra, e eu terei que me subordinar às suas eventuais exigências, terei de preparar eleições e ganhá-las, tolerando até a oposição e as opiniões contrárias.

ANTÓNIO FERRO (*assentindo entusiasticamente com a cabeça*) – É isso! É isso mesmo!

SALAZAR – Não é que eu tenha, pessoalmente, nada contra uma oposição ordeira, que vomite o seu veneno em jornais que poucos lêem.

ANTÓNIO FERRO – Claro, claro.

SALAZAR – Apesar do que se diz para aí.

ANTÓNIO FERRO (*fazendo um gesto largo de desdém*) – Oh, se nos ralássemos com o que se diz para aí...

SALAZAR – Todavia, uma oposição que tenha... que não tem, graças a Deus... mas que tivesse alguém que entusiasmasse as donas de casa nas bichas de racionamento, isso poderia ser um problema. Isso sim, isso preocupava-me.

ANTÓNIO FERRO (*assentindo jovialmente com a cabeça e com um sorriso triunfante*) – Pois sim, pois sim, mas nós temos mais trunfos do que um eventual adversário – a neutralidade, e os seus benefícios, e, desculpe a vaidade, uma boa propaganda. Se houver eleições, mesmo com partidos, mesmo com vozes discordantes, mesmo com azedumes e queixas, mesmo assim eu garanto ao Sr. Presidente uma vitória esmagadora. E não tenho medo das palavras. Esmagadora.

SALAZAR (*pousando a chávena de café e deixando definitivamente de lhe prestar atenção*) – Trata-se, então, de propaganda...

ANTÓNIO FERRO – Nem mais.

SALAZAR – É verdade que os homens providenciais, os homens raros em que V. Ex^a. faz o favor de me incluir, precisam de intermediários que os façam chegar às massas e à História. César dispensava-os e fazia ele próprio a sua História, e tratava-se a si mesmo por “ele”. Mas quando se trata de um pobre Professor de Finanças que leva uma vida recolhida, e a que estão vedadas as prosápias de César, qual o seu papel num mundo em que há jornais, rádio e cinema, e nem a censura pode pôr um freio à coscuvilhice universal?... Propaganda... Sim, é preciso que haja alguém que informe o público dos passos e dos pensamentos de quem já leva 16 anos de amargurado governo.

ANTÓNIO FERRO – Exactamente.

SALAZAR – Embora a contragosto...

ANTÓNIO FERRO – Compreendo. Quem leva uma vida modesta e recatada, não gosta que se fale dele. É compreensível.

SALAZAR – Supunhamos então, e eu digo, supunhamos, que os acontecimentos nos forcem a eleições... livres...

ANTÓNIO FERRO – Claro, claro, eleições livres, porque não? E olhe que não corre riscos. Garanto-lhe.

SALAZAR (*com um esgar de dúvida*) – Eleições livres? E com garantias? Hmm, não sei. Assim, à primeira vista, parece contraditório...

ANTÓNIO FERRO (*com entusiasmo*) – É que já se acabaram os tempos em que a opinião pública vivia entregue a si própria. Agora já não há lugar para a anarquia no pensamento. Temos agora uma ciência nova para criar e orientar emoções, para educar a opinião pública. Isto é indiscutível. Isto é ciência. Alemães e americanos estão

muito avançados, mas nós aqui, na parvalheira, também temos feito progressos. Nesse aspecto, não estamos nada mal.

SALAZAR – Pois, uma boa propaganda é essencial. Tanto mais que os factos revelam sintomas algo preocupantes. As greves do ano passado significam que o amor do Povo esfriou, fosse à custa da fome, das bichas do racionamento, da carestia geral, fosse apenas por cansaço.

ANTÓNIO FERRO – Ora, Sr. Presidente, mas quem é que se preocupa com o amor do Povo? Ninguém vota por amor. Não. O que é preciso é criar esperanças ilógicas, como se fossem lógicas. O caso do Sr. Presidente é exemplar. O Povo olha para si e diz: Este homem saiu de uma família pobre e ligada à lavoura, como a esmagadora maioria das famílias deste País. Todavia, fez-se a si próprio e chegou aonde chegou, e agora é quem é. Se eu votar nele, o que aconteceu a este homem pode muito bem acontecer também a mim, porque ele estudou em Coimbra, e sabe o que é necessário. Amor? Não, as pessoas votam é por motivos que nem sequer sabem explicar a si próprias, mas que nada têm a ver com o amor.

SALAZAR – Um dia, há-de-me explicar isso com mais vagar. Pelo menos, far-me-á rir.

ANTÓNIO FERRO – O Sr. Presidente só tem agora é de surpreender o Povo. Isto é, quanto a campanhas eleitorais, não se preocupe que não vai ser preciso sair do seu cantinho nem andar por aqui e ali a beijar criancinhas, a contar anedotas e a pagar copos de vinho. Campanha é connosco. Bons cartazes, programas de rádio, desfiles de agradecimento, isso é connosco. Mas vai ter que surpreender o Povo. Isto é, sem perder a sua imagem de escravo do dever, o Sr. Presidente deve consentir que se espalhe que, apesar de tudo, é homem e tem as suas fraquezas de homem.

SALAZAR – Fraquezas?... Eu?

ANTÓNIO FERRO – Pois, fraquezas. Justamente para criar aquele sentimento de identificação irracional de que lhe falei... Claro,

apenas as indispensáveis para lhe criar uma imagem mais... mais democrática. Como sabe, democracia nem sempre é abandalhamento. Falo, é claro, de democracia com as rédeas bem apertadas. É claro.

SALAZAR (*com ironia de seminarista*) – Fraquezas... Hmm, a palavra não me soa bem... E que género de fraquezas? Vinho, mulheres e canções? Jogo? Ou será que prefere práticas contra a natureza?

ANTÓNIO FERRO (*fazendo um gesto de triunfo, espetando o indicador direito*) – O Sr. Professor compreendeu tudo, mesmo antes de eu falar! É fantástico!... Pois é, o ideal é uma paixão por uma mulher do Povo.

Salazar ri um riso escarninho e breve.

SALAZAR – Oh, Sr. Doutor, por quem é!?... Um romance?... Na minha idade e com os meus afazeres? Ora...

ANTÓNIO FERRO (*com o entusiasmo de quem converte*) – Ora nem mais! O Mundo está cansado de homens austeros e está ansioso por festas, fartura e folia. Vem mesmo a calhar. Uma mulher do povo, então, é excelente. O povo tem simpatia por fraquezas viris e, nos dias de hoje, até a castidade pode ser mal interpretada... (pausa)

SALAZAR (*secamente*) – Sim, sim, estou a ver.

ANTÓNIO FERRO – E nem sequer seria preciso chegar a... a vias de facto. Não é necessário.

SALAZAR – Se bem conheço os seus métodos, bastaria então que uma mulher, com os seus atractivos, como é bom de ver, fosse vista a sair de uma casa em que eu também estivesse ou tivesse estado, para que o boato se espalhasse.

ANTÓNIO FERRO - Nem mais. Só isso seria suficiente para que o povo colorisse os espaços em branco com as cores de uma tremenda paixão. E depois, lá está, o Sr. Presidente nem sequer seria obrigado a chegar a vias de facto com uma mulher que pode cheirar a suor ou ter os dentes estragados. Vamos lá ver, bastaria só um cheirinho a pecado. Nada mais. E a partir daí a história fluiria, por aí fora, imparável...

SALAZAR – Compreendo... (*suspira*) Dá que pensar.

ANTÓNIO FERRO – E já teríamos um bom princípio de campanha, antes de ela ser necessária, o que é sempre boa política. Depois, alguns artigos de jornal, entrevistas, bons títulos, por exemplo “Um Político Confessa-se”?...

SALAZAR – Político? Eu?

ANTÓNIO FERRO (*batendo com a mão na testa*) – Claro, claro, já me esquecia, claro... Vossa Excelência não é político, nem nunca o foi, nem nunca o será... Então, sei lá, “Serviço e Sacrifício”? Que tal?

SALAZAR – Sim, porque não? Até nem está mal.

ANTÓNIO FERRO (*com ar de quem vasculha nos escaninhos da memória*) – Estava-me a lembrar uma entrevista do Chefe de Estado Alemão. Será que o Sr. Presidente concordaria com confissões deste género: “Levo uma vida muito solitária. Só a música e as crianças é que me dão um pouco de conforto”?

SALAZAR (*em tom mais enérgico*) – Nem pensar. Que levo uma vida muito solitária, está bem, não vou contra isso. Até porque é verdade. Mas agora quanto às crianças me darem conforto, nem pense em pôr uma coisa dessas. Se eu fosse pai, avô ou director de um orfanato, vá lá. Agora solteiro e sem filhos, não! Redondamente não!

Apagam-se as luzes.

Cena 3

Quando as luzes se acendem de novo, Salazar está sentado à secretária, lendo papéis, enquanto Saavedra, de pé, numa atitude sempre respeitosa, segurando uma pasta, aguarda. Salazar acaba por rubricar as folhas e assinar.

SALAZAR – Lembra-se de anteontem, em Alfama, quando íamos para o Castelo de São Jorge, termos passado por uma peixeira, que foi muito malcriada e que disse qualquer coisa como “Veja lá, se quer passar por cima de mim, saia do carro que já não me pesa tanto”... (pausa) Ria-se, homem, disse uma graça.

SAAVEDRA (*depois de rir um riso muito forçado que mais parece um acesso de tosse*) – Uma muito ordinária. Lembro-me, sim. Jovem, de rosto fresco, olhos bonitos, alta e de formas robustas... Avental azul escuro... Segurava um facalhão... Lembro-me, sim.

SALAZAR – Bela moça...

Saavedra concorda com um aceno de cabeça e um sorriso humilde e breve.

SALAZAR – Não acha?

SAAVEDRA – Sim, é verdade. Muito bonita. Não é normal, nas classes baixas, encontrar belezas assim tão raras. Talvez ali haja sangue real, quem sabe?...

SALAZAR (*entregando a Saavedra os documentos que acabara de assinar*) – Você anda a falar muito, Saavedra.

Saavedra fica cabisbaixo.

SALAZAR (*recostando-se na cadeira e juntando as mãos; fala pausadamente*) – Passei noutro dia pelo seu gabinete. E já agora, para que é que você, sendo um homem solteiro e sem filhos... que eu saiba, pelo menos... Para que é que você quer tantas bonecas?

SAAVEDRA (*humilde*) – Tenho muitas sobrinhas, Sr. Professor. E muitas pessoas amigas que têm crianças. Gosto muito de crianças, Sr. Professor.

SALAZAR (*alongando e modulando a vogal*) – Ahhhhhh.... Assim, tudo se explica. (*fala agora com o tom de um director de seminário*) Pois, Saavedra, você é o meu homem de confiança. Lá terá os seus senões, como toda a gente, mas vou-lhe dizer uma coisa que raramente digo a quem quer que seja: Confio em si. (*Saavedra baixa a cabeça*) Quanto a essa história das bonecas... bom, quanto a isso, desde que não haja escândalo... Ouviu bem, Saavedra?, enquanto não houver escândalo, cá por mim eu não sei de nada, ninguém me contou nada, eu não vi nada. Mas... se houver escândalo, a solução só pode ser a dos Evangelhos – fogo da Geena, choro e ranger de dentes... Nem mais nem menos... Agora, desde que não haja escândalo, a sua vida privada é consigo e eu não tenho nada a ver com isso. Estamos entendidos?

SAAVEDRA – Pelo amor de Deus! Dou-lhe a minha palavra!

SALAZAR – Bem, bem... Não interessa... Saavedra, preciso de um favor seu.

SAAVEDRA (*em ânsias de servir*) – Tudo! Tudo!...

SALAZAR – Tenho uma missão muito delicada para lhe confiar. Diz respeito à rapariga de que lhe falei.

SAAVEDRA – À peixeira?

SALAZAR – Peixeira, peixeira... É uma mulher como as outras... Porquê? Porque vende peixe? Tem alguma coisa contra quem vende peixe?

SAAVEDRA – Claro que não, por amor de Deus!...

SALAZAR – Bem me parecia. Então, fale com o Rosa Casaco, e os dois, em conjunto, procurem tirar informações a respeito dela – como se chama, quando e onde nasceu... da vida dela, dos seus hábitos, da sua família, se tem passado ou se não tem passado, essas coisas... E, por passado, também entendo ter más ideias, contrárias à moral ou à ordem... Se acompanha com gente suspeita, se tem simpatias comunistas, se fala contra o Governo... Enfim, o essencial para se sabe com quem se lida. *(Desencosta-se da cadeira e coloca as mãos em cima da secretária)* E é tudo. Sei que se vai desempenhar desta missão com o brilhantismo do costume.

Saavedra faz uma reverência, recua e sai pela porta da direita.

Cena 4

A cena é agora uma sala de estar, em que se destaca uma mesinha com uma telefonia, sofás, uma estante com poucos livros e muitos jornais e revistas, um quadro representando uma paisagem. Profusão de “naperons” e de rendas. Flores em jarras.

Salazar lê o “Diário de Notícias”, enquanto ouve a rádio, com uma emissão da “Emissora Nacional” de princípios de Setembro de 1944. Noutro sofá, D. Maria faz renda.

D.MARIA – Não percebo... Não percebo... Tem tudo... É acarinhado... É apaparicado... Faço-lhe todos os pratos de que gosta... Anda aí vestido como um lorde... Tomara muito milionário andar aí com as calças tão bem vincadas... E agora, vai-se a ver, olha... apanha-se com esta surpresa... Uma peixeira para quê, Meu Deus!?

Salazar dobra o jornal, pousa-o num dos braços do sofá, e retira os óculos.

SALAZAR (*segurando os óculos, com as hastes dobradas, e apontando-os na direcção de D. Maria*) – Sim?

D.MARIA – É que é uma vergonha. As pessoas vão falar. Ainda se fosse uma senhora, uma mulher de respeito... E olhe que mesmo assim iriam falar... Mas uma senhora com educação, com estudos... Olhe, uma que tocasse piano e desse alguma animação à casa... Pelo menos não envergonhava... Agora, quem é, mas quem é que se iria lembrar de uma peixeira. Esta é que... Olha que com franqueza!...

SALAZAR – D.Maria, D.Maria, mas quando é que a Senhora vai perder esse seu hábito de escutar às portas?

D.MARIA – A minha obrigação é saber de tudo.

SALAZAR – Oh Senhora, mas isto é alta política, não é para andar aí de boca em boca. Se não, não faltava mais nada para os segredos de Estado passarem no Rádio Clube, depois do folhetim.

D.MARIA – Ah, mas comigo sabe bem que esta boca é um sacrário. E depois, olhe, ainda não lhe tinha dito, mas a sua Mãe, antes de morrer, chamou-me e disse-me, assim mesmo com eu lhe estou a dizer agora, “Maria, já não vou durar mais, faz-me este favor, cuida do Antoninho. As irmãs não podem, e ele, se não tem ninguém que cuide dele, é um desgraçado”. E eu, olhe, fez-me uma pena, e disse-lhe ali mesmo “Ai, minha rica Senhora, pois esteja descansada que eu juro-lhe pela minha saúde, eu caia aqui já morta que, até que Deus queira, vou ser para ele como uma Mãe”...

SALAZAR – Não sabia. Realmente, não sabia.

D.MARIA – Pois é como lhe digo. Por isso, não se fie muito desse Agostinho Lourenço, ou desse Barbieri Cardoso, e então muito

menos desse António Ferro, que tem a mania que é esperto. A única pessoa em que pode confiar sou eu e só eu. Aí é que está. Olá!... Agora uma peixeira... Francamente!...

SALAZAR – Agora quem não percebe sou eu. Mas a que é que se deverá esta antipatia universal pelas peixeiras?

D.MARIA – Ora essa, então não se está a ver? Peixeiras são varinas, toda a gente sabe. As peixeiras são das mulheres mais ordinárias que há para aí. É caralho para cá, é caralho para lá.

SALAZAR – D. Maria, D. Maria, pois muito bem, agora foi a Senhora quem me deixou pasmado. É que não lhe conhecia esse vocabulário. E digo-lhe já que ordinarices na sua boca não me soam bem.

D.MARIA – Não sei se já pensou o que seria uma mulher dessas na sua casa... Para quem é tão cioso dos seus segredos!... E depois, claro, são mulheres que não sabem calar-se... Tudo o que acontecesse entre os dois... ou mesmo que não acontecesse... Já viu?, a ser espalhado pelas ruas, de boca em boca... Ai nem quero pensar, que vergonha!...

SALAZAR (*colocando novamente os óculos*) – Gosta de viver aqui? Gosta da vida que leva aqui?

D.MARIA – Sabe bem que sim.

SALAZAR – Então, se gosta de viver aqui, pense só nisto. Para poder viver aqui, ainda por uns bons anos, e manter tudo como está, pode vir a ser preciso meter aqui... bom, não digo precisamente aqui, pode muito bem ser noutra casa... mas pode muito bem vir a ser precisa aqui uma peixeira. E isto para o bem de todos nós... Pense nisso...

D.MARIA – O Senhor é que estudou, o Senhor é que sabe. Se o diz assim, é porque é.

Faz-se uma pausa, em que Salazar retoma a leitura do jornal, e D.Maria retoma a sua renda.

D.MARIA – Já a vi.

SALAZAR (*sem levantar os olhos do jornal*) – Sim?

D.MARIA – Pois vi... Há uma grande diferença de idades... Já nem falo sequer em dar-se ao ridículo... Mas ela vai tomar um grande ascendente sobre si... Ela vai mandar no Senhor... Ai vai, vai... Ela vai mandar em tudo, até parece que já estou a ver... Demite este, nomeia aquele, esta lei não, faz outra, (*apontando-se a si própria*) e a galega para a rua... Ai é um perigo muito grande... Admira-me como é que uma pessoa tão inteligente ainda não percebeu isso.

Salazar continua a ler, sem dar mostras de estar a dar atenção à sua governanta.

D.MARIA – Eu se fosse a si, ia mas era à bruxa.

SALAZAR (*olhando-a por cima do jornal*) – O quê?

D.MARIA – Que dizer, não era preciso ir mesmo à bruxa, ela poderia vir cá. É uma senhora minha conhecida, que mora na Pontinha.

SALAZAR – Ora, Senhora, tenha juízo. Bruxas...

D.MARIA – Ai não troce. Ai não troce, não. Está-se a lembrar daquele atentado de há uns anos, em que só escapou por uma unha negra? Pois antes disso, já ela me tinha falado numa bomba e que o Senhor não ia sofrer nem uma beliscadura. Agora, se achar graça, ria-se.

SALAZAR – Olá, mas isso então é a sério?

D.MARIA – Eu seja ceguinha.

SALAZAR – Bem, bem, traga-a cá... Não, não, cá não, que isto é Lisboa e não convém. Este fim de semana, no Forte de Santo António. Mas em segredo e sem dar nas vistas. E quando eu digo “segredo”...

D.MARIA – É sagrado, claro, ora essa.

Cena 5

A cena agora é um pátio interior, cercado por uma muralha. Há céu azul, e ouve-se a rebentação de vagas.

Ao centro, uma cadeira de repouso. Espalhadas na cena, algumas cadeiras de lona, uma mesinha. Ao fundo, uma corda estendida, com roupa a secar. Do lado direito, a parede de um edifício, com uma porta.

Entra D.Maria, seguida por uma senhora de idade.

D.MARIA – Não se preocupe a respeito do seu sobrinho, que eu falo ao Sr. Doutor. Mas já se sabe, não lhe fale nisso, que ele não gosta que lhe venham pedir favores. Só através de mim, porque ele vai muito pelo que eu lhe digo. E sente-se, sente-se.

A velha obedece, e senta-se na borda da cadeira que lhe é oferecida.

D.MARIA – Ó D.Adélia, pelo amor de Deus, esteja à sua vontade. Já sabe que lhe pagam pelo seu tempo. Aqui é só gente séria. Não quer tomar nada? Ao menos um cálice de Porto? Uma fatia de bolo? Feito por mim, está uma maravilha.

ADÉLIA – Não. Que eu saiba, o meu sobrinho nunca esteve no Porto. Deve ser confusão.

D.MARIA – Ah, é verdade, pois... (*gritando*) Se quer um cálice de Porto! E uma fatia de bolo! (*lambendo os beiços*) Mnham, mnham...

ADÉLIA - Depois... Depois... Antes não costumo...

D.MARIA – A minha amiga é que sabe. Espere então um bocadinho, que eu vou chamar o Sr. Doutor. Não saia daqui, que eu já venho.

D.Maria sai de cena pela porta existente no lado direito, deixando a vidente sozinha. Passados momentos, durante os quais só se ouve a rebentação das vagas, entra Salazar, sobraçando o “Diário de Notícias”. É seguido por D. Maria. Adélia levanta-se.

SALAZAR (*apertando-lhe a mão, com uma ligeira reverência, e gritando*) – Muito prazer, e muito obrigado pela sua disponibilidade!

ADÉLIA – Sim, pois sim, mas não é preciso gritar. Eu não sou surda.

SALAZAR (*sentando-se numa das cadeiras de lona*) – Ah, sim, sim, sim... Pois então sente-se. (*Adélia vai sentar-se na mesma cadeira em que estivera, mas Salazar nega com o dedo*) Não, não, nesta aqui ao pé de mim. (*Adélia senta-se na cadeira indicada, e D.Maria arrasta uma cadeira e senta-se junto dos dois*) Sabe quem eu sou?

ADÉLIA – Não, agora ainda não. Mais tarde, não digo que não. Mas agora, agradeço, mas não.

D.MARIA (*gritando*) – Mas a D.Adélia sabe quem é este senhor, não é? Pois claro que sim, não sabe a senhora outra coisa. (*mais baixo, para Salazar*) Não ligue, que ela às vezes tem estas coisas.

ADÉLIA – Mas não é o Rei de Portugal.

SALAZAR – O quê?

ADÉLIA (*vincando mais as palavras*) - Não é o Rei de Portugal.

SALAZAR – Mas a que propósito é que me vem com isso? Por acaso é, como diz o outro, “emissária dum rei desconhecido”? E, se calhar, traz-me “informes instruções de além”...

ADÉLIA – Pois sim, meu rico, também eu gostava. Mas a vida é assim mesmo, não se pode ser sempre nova. (*olha em seu redor*) Dê-me a sua mão esquerda.

Salazar obedece e Adélia examina-lhe a mão, com pormenor, aproximando-a muito de si, como se visse bem apenas de muito perto.

ADÉLIA – Agora a direita.

De novo, Salazar obedece e Adélia examina-lhe demoradamente a mão direita. Após o que, abandonando a mão que segurava, fecha, por instantes, os olhos. Depois, levanta-se e caminha um pouco pelo pátio.

ADÉLIA – Vai viver ainda muitos anos e vai morrer velhinho, ao pé de quem o estima. E tem reservado um destino invejável, que tomara muitos, mas que só um de longe em longe é que é escolhido. Há muitas invejas e esperam-no muitas traições. Mas ninguém, e aí tenho a certeza, porque está escrito na sua mão esquerda com uma clareza que é raro ver, ninguém lhe vai conseguir fazer frente. Vai

poder pisar os seus inimigos a seus pés, porque goza da protecção de Deus e do Diabo. É coisa bem rara. Confesso que nunca tinha visto um espírito tão... *(faz uma pausa)* Vejo duas mulheres na sua vida. Uma que já morreu... E outra... que é nova... é bonita. E é casada!

SALAZAR – Essa agora.

ADÉLIA – Pois é. É casada... Tem que ter muito cuidado com ela. Será feliz com ela, isso também é claro. Mas, oiça o que lhe digo, não será por muito tempo... Depois, só lhe vai é trazer problemas...

SALAZAR – Quer dizer que ela, quer dizer, que essa mulher, não me será de qualquer utilidade?

ADÉLIA – Não disse isso. Ela é nova, é bonita, sempre tem essa utilidade. Mas não vai ser útil para mais nada. Ai isso é que não vai, não. Está escrito.

D. Maria faz para Salazar um gesto como “Vê? Que lhe dizia eu?”

SALAZAR – Sim senhor.

ADÉLIA – Posso fazê-la apaixonar-se por si. Dê-me um cabelo ou uma fotografia dela, o nome, quando nasceu, em que sítio, e eu garanto-lhe que em dois dias ela é uma cachorrinha atrás de si... Mas mesmo sem isso, ela vai acabar por gostar de si, a seu modo... Ela não é má pessoa...

SALAZAR – Ora ainda bem. Sendo assim, parece que já não estamos muito mal.

Adélia encaminha-se para junto da cadeira de repouso, no centro da cena. Acaricia a madeira, e parece esquecida do lugar em que está.

SALAZAR – Está bem. Obrigado por tudo. A D.Maria vai-lhe pagar e vai levá-la a casa. Tenha um bom dia.

ADÉLIA – Já se sabe. Essas coisas quando vêm não avisam.

D.MARIA – Vamos lá. Vamos lanchar e depois levo-a a casa no carro do Sr. Doutor. Já viu que luxo?

ADÉLIA (*deixando de tocar a cadeira e virando-se para Salazar*) – Sabe?... (*hesita, como se se arrependesse*) Deixe lá, tem tempo... Ai agora é que era capaz de tomar qualquer coisinha. Estou mesmo em fraqueza...

Adélia e D. Maria saem pela porta da direita e Salazar fica sozinho em cena. Com o jornal na mão, deixa-se cair na cadeira de repouso e, com um suspiro de alívio, desdobra o jornal e embrenha-se na leitura.

Cena 6

A cena é novamente o escritório de Salazar. Este encontra-se sentado à secretária, enquanto Rosa Casaco, de pé, segurando um chapéu, aguarda. Salazar que, na altura, lê um documento, faz sinal a Rosa Casaco, indicando-lhe uma cadeira perto da secretária. Este senta-se, colocando o chapéu em cima das calças.

SALAZAR (*depois de riscar de alto a baixo o documento que acabou de ler*) – Este rapaz pode saber muito de Direito Administrativo, não ponho isso em causa, mas agora sentido das realidades... que lástima!... Só tem duas espécies de ideias, as originais e as boas... Ora este parecer está cheio, do princípio ao fim, de ideias originais. Veja só: quer transformar as colónias em Estados federados, com governos próprios, dizendo que uma vitória americana... que para ele é certa, imaginem... eu cá não tenho tanta certeza... que uma vitória americana vai levar a exigências de acesso directo e controlo das matérias-primas das colónias europeias de África. Diz ele que temos de nos antecipar às futuras exigências americanas, que, não satisfeitas, poderão implicar a criação e apoio de

exércitos rebeldes... Como se isso fosse possível!?... Como se os Ingleses, ou os Franceses ou os Alemães deixassem um estranho deitar a mão às colónias portuguesas! Como se isso fosse possível. Mais: nem sequer iriam tolerar a criação de Estados federados! Olha quem!... Bom, deixemos isso. Diga lá, Rosa Casaco.

ROSA CASACO – Pois, Excelência, a verdade é que... É mesmo uma peixeira... uma peixeira em todos os sentidos. Primeiro porque vende peixe, está claro. E depois porque é mesmo uma peixeira a falar... um autêntica peixeira. Mas, por outro lado... Mas que peixeira!... salvo o devido respeito, claro... Põe a mão na anca e fala que nem uma peixeira... que é o que ela é, pois claro. Depois, tudo o que está mal, deita as culpas para o Governo, tudo com muita peixeirada à mistura. Quando as freguesas se queixavam dos preços, ouvi-a a ela dizer, bem claro, textualmente, com todos os erres e efes, “Olha, filha, se não estás contente, vai-te queixar ao... desculpe Vossa Excelência, mas o meu dever é relatar tudo como se passou... ao painelheiro do Salazar, que ele é que é o culpado de a vida estar como está. Quem não tem tomates para mais, é o povo que fode”... Textualmente...

SALAZAR – Painelheiro? Que é isso?

ROSA CASACO – É uma expressão das classes baixas para designar... enfim, assim uma pessoa de hábitos infames...

SALAZAR – É isso? Bom, não me parece muito justo rebaixar uma pessoa só por fazer panelas, que me parece uma profissão de muito mérito e com tradições... Mas faça o favor de continuar.

ROSA CASACO – É casada e tem um filho pequeno. O marido está embarcado e, neste momento, o seu barco saiu de Montevideu e navega no Atlântico Sul. (*faz uma pausa*) É, de resto, extremamente bonita... Na minha opinião de homem, e se me permite, trata-se de uma mulher que, depois de um bom banho, para tirar as escamas das mãos e o cheiro a peixe, bem arranjada, bem vestida, passava perfeitamente por uma artista de cinema... Bastante falta nos fazia na PVDE uma mulher assim sedutora, para levar militares duvidosos a fazer confidências...

Salazar afasta com a mão essa hipótese.

ROSA CASACO – Claro, isto só se ela conseguisse esconder o seu dom natural para o peixe.

Toca o telefone. Salazar atende.

SALAZAR – Pois sim, até calha bem. Ele que entre.

Passados poucos instantes, abre-se a porta da direita e entra António Ferro, sorridente e com um jornal debaixo do braço. Salazar levanta meio corpo e cumprimenta o recém-chegado. De seguida, António Ferro cumprimenta Rosa Casaco.

SALAZAR – Sente-se, sente-se. (*António Ferro obedece, sentando-se no sofá que Salazar lhe aponta, mais afastado em relação a Rosa Casaco*) Calha mesmo bem. Aqui o Rosa Casaco estava-me a falar de uma coisa que vem de encontro a um dos temas da nossa última conversa... Lembra-se de me ter aconselhado, e as palavras são suas, “uma paixão por uma mulher do povo”?

ANTÓNIO FERRO – Pois, pois, exactamente. Como trunfo eleitoral, no caso de vir a ser necessário.

SALAZAR – Parece que se encontrou a pessoa certa. Uma peixeira, jovem e bonita, que vende numa esquina em Alfama.

ANTÓNIO FERRO – Uma peixeira?... Peixeira!?...

SALAZAR – Sim, uma peixeira. Alta, roliça, muito bonita.

ANTÓNIO FERRO – Uma peixeira? Bom, assim de repente, não sei que diga... Realmente, quando pensava numa mulher do povo, como que via uma modista, jovem mas franzina, numa água-

furtada, com óculos, órfã de pai, trabalhando até às tantas para os remédios da mãe tuberculosa... Agora uma peixeira...

SALAZAR – Ó homem, e o que tem que seja peixeira?

ROSA CASACO (*para António Ferro e Salazar, simultaneamente*) – Desculpe intrometer-me... mas olhe que é bastante bonita.

ANTÓNIO FERRO – Que seja peixeira? Tem... e não tem. No fundo, é uma situação parecida com o Rei Luís Filipe. Ofereciam-lhe copos de vinho e ele, para ser popular, em vez de dizer “Olha que nojo. Sei lá por que bocas esse copo andou”, não, levava o copo à boca, até lhe tocar com os lábios, e já estava. Não lhe pediam mais, e ele não tinha que ir mais longe. A mesma coisa com o Sr. Presidente. Não é obrigado a ir até vias de facto... Basta que a aparência se crie, e o resto acontece naturalmente. Uma mulher entra na sua casa, e sai de lá um tanto despenteada, e com a roupa vestida à pressa. O que é que as pessoas vão pensar, não é?... Deixe isso comigo.

SALAZAR – Pois vai ser esta peixeira e não outra. O que pode acontecer ou não acontecer, não sei. Convém, segundo me disse, dar mostras de virilidade. Acho bem, não vou contra isso. O seu trabalho, então, vai ser o de transformar o que acontecer... ou não acontecer... num argumento para colocar logo a seguir a ter livrado o País dos horrores da guerra. Não lhe auguro uma campanha fácil. Olhe que ela até fala contra o Governo. Não é, Rosa Casaco?

ROSA CASACO – Correcto. A dado ponto até a ouvi dizer a uma freguesa que tinha pedido uma dúzia de carapaus, queixando-se de que por culpa do... ela é que disse, estou só a repetir... por culpa do Salazar, não tinha dinheiro para mais. E respondeu a peixeira que, já agora, se chama Ricardina, “O Salazar? Oh filha, o que ele quer é lulas”.

SALAZAR – Lulas? Pois claro que gosto, de caldeirada. Está a ver como ela é inteligente?

ANTÓNIO FERRO – Sim, pensando bem, uma paixão por uma mulher do povo, que neste caso é peixeira, que ainda por cima fala contra o Governo, é um desafio que pode dar uma obra-prima de propaganda.

SALAZAR – E é casada, com marido embarcado.

ANTÓNIO FERRO (*com um gesto largo*) – Ah, isso que tem?...

SALAZAR – É exactamente isso o que penso. O que tem de ser peixeira? Nada. Pois então... (*pausa, durante a qual Salazar consulta uma agenda*)... no próximo dia 8 de Setembro, pelo meio dia, quero-a na casa da Rua de Santo António, à Estrela. O Rosa Casaco fica ao comando das operações. Confio no seu bom senso.

Apagam-se as luzes e cai o pano.

Fim do I Acto

ACTO II

Cena 1

A cena representa um quarto interior, sem janelas, com uma única porta, ao fundo que, no início, se encontra aberta.

Contém uma cama de casal, duas mesas de cabeceira, uma cómoda ostentando diversas figuras de santos, e uma secretária em que se acumulam resmas de papéis e alguns, poucos, livros. Um relógio de parede. Dois sofás. Na parede, por cima da cama, uma litografia do Sagrado Coração de Jesus.

A luz provém da porta, dos candeeiros nas mesas de cabeceira, e de um candeeiro de secretária.

Quando o pano sobe, Salazar, de pijama e roupão, escreve, sentado à secretária. Tem, a seu lado, uma chávena de café.

ROSA CASACO (*entrando*) – A rapariga está mesmo a chegar com o peixe que encomendei. Já vai na Estrela, com a canastra do peixe à cabeça.

SALAZAR – Bem, bem, pois que não se demore... Quem são aquelas matronas, com aspecto de artistas de circo reformadas, que estavam no vestíbulo?

ROSA CASACO – Mas como é que o Sr. Presidente adivinhou? É fantástico. É que são mesmo artistas de circo reformadas... É para se dar banho à rapariga, caso ela não queira.

SALAZAR – Muito bem pensado. É importante que a moral e a decência sejam salvaguardadas. Mas espero que não haja que recorrer a medidas tão extremas.

Salazar continua a escrever, e Rosa Casaco sai do quarto.

Passados momentos, ouve-se uma campainha. Passos apressados. Ouvem-se apenas as vozes, sem se verem as personagens que falam.

ROSA CASACO – Eu faço sinal, vocês agarram-na e metem-na cá dentro. Ah... e põem-lhe a mão na boca, para ela não gritar. Não queremos escândalos.

Uma porta que se abre.

RICARDINA – Então é o patrão que abre a porta?... Numa casa destas, pensava que tinham criada. Também para o que eu fico ralada... Tome lá o peixe, e são dois mil réis.

ROSA CASACO – Entre, entre.

RICARDINA – Entras o quê? Mas entras o quê? Oh menino, tenho mais que fazer. Toma lá a porcaria do peixe e dá-me mas é o meu dinheiro.

ROSA CASACO – Entre lá, ora essa!...

RICARDINA – Mas entro o quê? Mas entro o quê? O meu querido não me estará a confundir com a sua mãezinha, por acaso?... Olhe, eu tenho mais que fazer. O peixe fica aqui no chão e pode metê-lo onde quiser. Quero é o meu dinheiro. (pausa) (com a energia da aflição) Ah, cabrão!!! Deslarga!!! ... m!...m!...m!...

Ouvem-se sons de luta e de patadas no chão.

ROSA CASACO – Calma! Calma! Se não se aquieta, parto-lhe a cabeça e dou-lhe um murro no nariz! Deixo-a a deitar sangue!... Se ficar calada, aqui o Santos destapa-lhe a boca... Olhe que é melhor para si ficar calada. Olhe que é melhor!... Venha comigo! E caluda, ouviu!?

Rosa Casaco entra no quarto, seguido por dois indivíduos corpulentos, que arrastam Ricardina para dentro do quarto. Largam-na. Esta, ao deparar-se com Salazar, demonstra pavor, e ajoelha-se, de mãos postas, a tremer, e em silêncio. Salazar levanta-se e aproxima-se da peixeira, como para melhor desfrutar a submissão da rapariga. Examina-a, em silêncio. Depois, senta-se num sofá, de frente para Ricardina.

RICARDINA – Oh, meu senhor, eu sou uma mulher séria, sou casada, e tenho um menino de dois anos. Pelo que há de mais sagrado lhe peço que não me leva presa, que não me mande para o degredo. Eu sou uma mulher séria. Vendo peixe. É só isso que eu faço. E o meu peixe é sempre do mais fresco e do melhor. Vossa Senhoria pode perguntar a quem quiser. Lá no Bairro só lhe podem é dizer bem de mim. Oh, pelo amor de Deus, não me leve presa!

SALAZAR – Mas quem é que falou em ires presa? És tola.

Ricardina levanta-se. Salazar levanta-se também.

RICARDINA – Mas então, se não é para me prender...

SALAZAR (*com pouca convicção*) – Reparei em ti. E quero fazer-te feliz.

RICARDINA (*espantada*) – Mas não quero eu!... Eu já lhe disse que sou uma mulher séria, não disse? Acho que disse... Tá bem, tá... Quem é que havia de dizer, hem? Olha o santinho, a querer fazer-me feliz!...

ROSA CASACO – Vá lá de confianças. Lembre-se de quem é a pessoa que está à sua frente.

Salazar faz um gesto, na direcção de Rosa Casaco, a pedir moderação.

RICARDINA – Há já um homem que me faz feliz. Não quero outro.

SALAZAR – És tola. Acredito mesmo que sejas feliz. Podes lá ser feliz? Eu sei que não és feliz, para que é que estás a mentir? Eu sei que o teu marido bebe, chega tarde a casa e dá-te pancada.

RICARDINA (*olhando rancorosamente para Rosa Casaco*) – Eu cá não sei quem é cabrão que lhe anda a dizer essas coisas, mas é tudo mentira! É tudo mentiras deste cabrão!

SALAZAR – Vamos lá a ver. Más-criações não admito. Isto aqui não é taberna. E não se esqueça diante de quem está, que é muito importante. Levem-na.

ROSA CASACO – Para o banho?

SALAZAR – Ora bem.

Entram na sala três mulheres robustas que agarram Ricardina.

SALAZAR – Vão lá. Dêem-lhe banho e arranjem-na. E vejam lá se lhe conseguem tirar este horrível cheiro a peixe.

RICARDINA (*com um riso escarninho*) – Cheiro a peixe porque não cheiro a puta. Não sou puta!

É levada para fora do quarto, ouvindo-se a repetição “Não sou puta! Não sou puta! Não sou puta!”.

SALAZAR – Cheira mesmo a peixe... Nunca pensei que a profissão, às vezes, se entranhasse tanto na pessoa... Bom, é deixar a porta aberta, a ver se o cheiro sai. E olhe, Casaco, veja se a assustam o suficiente para ela ficar mansinha quando aqui voltar. Com cabras aos pinotes não me governo. E quero guarda... Não, pensando melhor, guarda não. Quero aquelas mocetonas à porta, para se ela quiser fugir. Guardas só junto às janelas, para qualquer eventualidade.

ROSA CASACO – E o que é que se faz ao peixe, Sr. Presidente?

SALAZAR – Ao peixe? Olhe, dê-o ao Saavedra. Sempre leva a felicidade a alguma família esfomeada.

Ambos riem, com cumplicidade.

Rosa Casaco retira-se.

Salazar regressa à secretaria, senta-se e continua a escrever.

Ouve-se o ruído de objectos a caírem e a escaqueirarem-se. E exclamações furiosas de Ricardina, tais como

“Larga-me, fufa da merda”,

“Vai despir a puta da tua mãe, coirão”, e

“Atreve-te. Até te enfio a torneira pelo cu adentro”.

Progressivamente, tudo acalma.

Ricardina reentra, de mansinho, e a porta é fechada, atrás de si, vendo-se apenas a mão e o braço que a empurra.

Ricardina vem penteada, de unhas pintadas. Veste um robe de cetim azul escuro, e calça umas chinelinhas douradas.

Fica imóvel, junto da cama.

SALAZAR – Então?

Ricardina leva a mão ao cinto do robe, como se fosse desfazer o nó. Hesita e senta-se na cama.

RICARDINA – Excelência, é que...

SALAZAR – É que, o quê?...

RICARDINA – É que... isto assim não pode ser. Mas porque carga de água é que um homem como o senhor quer desonrar uma pobre peixeira quando há tantas senhoras da alta que não se importariam de lhe dar a cona... Oh!... *(a peixeira, assustada, tapa a boca com as mãos)* Vossa Excelência desculpe eu ter dito cona... Saiu-me sem querer...

Salazar faz um gesto a significar que não teve importância.

RICARDINA – É que eu não passo de uma pobre peixeira, sem educação.

SALAZAR – Isso não é problema.

RICARDINA – Não é problema para si, mas para mim é que vai ser uma carga de trabalhos... Ai vai, vai... A vizinhança, já se vê, vai contar ao meu marido que me viram entrar em casa vestida de puta... Pode-se dizer puta, não é? É o nome delas, não tem mal, pois não?... E o meu marido volta para o mês que vem. E depois mata-me, está claro, que ele é homem e ninguém gosta de cornos.

SALAZAR – Cale-se!

Ricardina deixa-se ficar sentada na cama, e cruza os braços, como que a defender os seios.

SALAZAR – No fundo, eu só quero... Eu sou Professor de Finanças Públicas, não sou um homem qualquer, e não me satisfaço de qualquer maneira. Tenho... e note bem, tenho todo o direito a tê-las... tenho as minhas exigências...

RICARDINA – Meu Deus, e a minha mãe que nunca me falou nas Finanças Públicas.

SALAZAR – O que eu peço... Não peço, quero...o que eu quero é que se dispa muito devagar, e que fique apenas em corpete e cuecas.

RICARDINA – Finanças Públicas é então...?...

SALAZAR – Deixe as Finanças Públicas nas mãos de quem sabe, e mostre-se mulher, ouviu? Caminhe dengosa, provocante, e com garbo. Detesto estátuas... que não sejam de gente morta...

RICARDINA – Tirar a roupa a uma pobre... Já estou a ver o que são as Finanças Públicas...

SALAZAR – Ó mulher, cale-se com as Finanças Públicas!

RICARDINA – Ah, está bem, já cá não está quem falou... Mas e depois?

SALAZAR – Ó mulher, não há depois nenhum. É só isso e mais nada. Se eu nem me vou levantar... Vou continuar o que estava a fazer, e pronto. É só isso. Que é que lhe custa?

Ricardina faz um trejeito de incredulidade, e começa a obedecer às ordens dadas, de pé e caminhando com lentidão pela cena, mas sempre de modo a exhibir e realçar os seus atributos. Desaperta o robe e deixa-o cair no chão. Mostra-se numa combinação cor de rosa que deixa perceber o negro das cuecas e do corpete. Retira as meias, apoiando uma das pernas na cama. E acaba por retirar a combinação.

Salazar continua a escrever, olhando-a repetidas vezes, por cima dos óculos.

RICARDINA – Mas é agora?... É agora que me vai?...

SALAZAR (*retirando os óculos e pousando-os, por momentos, no tampo da secretária*) – Mas vou o quê?... Oh Jesus, como é pouco dotado o povo que me deste em sorte dirigir... E que prosápia... É inaudito... Olhe... Olha, minha filha, tens de compreender umas duas ou três coisas: primeiro, que eu não sou da tua igualha, há um abismo entre nós – eu sou o Estado, tu és o povo; segundo, que os gostos e necessidades de... pois, de um professor de Finanças Públicas... não são as mesmas de um homem vulgar, como, por exemplo, o teu marido...

RICARDINA – Olhe que o meu marido...

SALAZAR – Quero lá saber. E em terceiro lugar... Não tens nada que vir com sugestões que ninguém te pediu.

RICARDINA – Eu? Eu pedi lá alguma coisa!... O que eu queria mesmo era ir-me embora.

SALAZAR – Chega.

RICARDINA – Pronto, pronto, Excelência. O Senhor é que sabe.... (*mais baixo, em aparte*) P'rá minha vida... Porra das Finanças Públicas...

Ricardina continua a caminhar pela cena, aproximando-se e afastando-se de Salazar.

RICARDINA – Posso-me sentar?

SALAZAR – Não. Continua o que estavas a fazer.

RICARDINA – Se isto é fazer alguma coisa...

SALAZAR (*levantando-se e aproximando-se de Ricardina*) – Mas que povo mais atrasado e mais bronco!

RICARDINA – Espere lá, Excelência. Também não é preciso ofender.

SALAZAR – Não sei o que seria de vocês sem mim, palavra de honra que não sei.

RICARDINA – Ó Sr. Professor, ó Excelência, parece que se há aqui alguém com razões de queixa, sou eu. Então... Despem-me, esfregam-me toda, prometem-me uma carga de porrada se não fizer o que me mandarem, vestem-me de puta, e agora... agora estou para aqui, a andar em cuecas... Mas o que é isto afinal?

SALAZAR (*mais conciliador*) – Sim, minha filha, percebo que isto tudo esteja para além do teu entendimento. Claro, isto é alta política que, como é evidente, não podes entender.

RICARDINA – Alta política? Então... (*apontando para o seu próprio corpo*) isto é alta política?

SALAZAR – De certo modo, sem dúvida que é.

Salazar caminha em torno da rapariga, com os óculos na mão, apreciando-lhe as formas.

SALAZAR – Mesmo que não me percebas, sempre te direi que os factos transportam sempre com eles uma carga simbólica que os ultrapassa. É muito grave o Estado penetrar o Povo. É muito grave que um e outro troquem fluidos. O Estado pode ser carinhoso para o Povo, nada o impede. O Povo pode fazer tudo ao seu alcance para agradar ao Estado. Mas há limites que não podem ser transpostos, sob pena de cairmos na anarquia e na licença.

RICARDINA (*sentando-se na cama*) – E então, por causa das Finanças Públicas e da Alta Política, é preciso tratar assim uma pessoa? Valha-me Deus se eu entendo.

SALAZAR (*sentando-se também na cama, mas a distância de Ricardina*) – Eu sou aquela pessoa que tem que ser sempre para tudo. E por causa disso, sou obrigado a uma vida solitária e sem afectos, como se o facto de ser providencial já me bastasse para ser feliz. Mas quem é que se preocupa com a minha felicidade? Pois ninguém, ora aí é que está.

RICARDINA – Eu era bem capaz de ter pena de si, Excelência, mas, afinal, foi a mim que arrancaram a roupa e... (*olhando um dos braços*) me fizeram uma nódoa negra... (*olhando o outro braço*) duas nódoas negras...

SALAZAR – Minha filha, é muito feio culpar os outros dos nossos próprios erros. Não tivesse oposto resistência e já não seria preciso usar a força. (*olha-a por cima dos óculos de meia-lua*) Não será comunista, pois não?

RICARDINA – Eu? Comunista?... Ora essa, uma peixeira parva e sem instrução, que só sabe assinar o nome e sabe-se lá... Comunista?... Essa tem graça.

SALAZAR – Pois é, é que agora parecia mesmo comunista. Sempre a queixarem-se de ser maltratados e torturados, quando a culpa é só deles, por não confessarem... Então e em mim, já pensaram em mim, que quase me mataram à bomba? Nisso é que não pensam. Pois claro, eu é que tenho de ser sempre para tudo.

RICARDINA – Não ponha mais na conta. A peixeira nunca tem razão.

Cena 2

A cena representa um quarto semelhante ao anterior, em que a secretária é substituída por uma mesa simples, sem adornos.

A porta, ao fundo, está fechada.

Ricardina está sentada na cama, recostada em diversas almofadas. Enverga uma combinação preta. Come uvas, enquanto escuta uma emissão da Emissora Nacional, com êxitos da época – Outubro de 1944. Folheia, desatenta, as páginas de uma revista, pousada na cama, a seu lado.

Abre-se a porta e entra Salazar, que logo fecha a porta atrás de si. Veste fato completo e traz consigo uma pequena pasta.

RICARDINA – Bom dia.

Salazar, sem responder, tira o casaco e coloca-o nas costas de uma cadeira. Senta-se e retira da pasta alguns papéis que começa a ler.

RICARDINA – Bom dia. *(mais baixo, em aparte apesar de tudo bem audível)* – Eu ao menos sei que sou ordinaronna, mal educada e uma grandessíssima peixeira.

SALAZAR – Eu ouvi. Bom dia.

RICARDINA – Ah, bom. *(pausa)* O que é que eu faço agora, Ex-ce-lên-cia?

SALAZAR *(levantando os olhos)* – O que já deverias estar a fazer neste momento, sem ser preciso eu dizer-te.

Ricardina levanta-se, calça uns sapatos de verniz, de salto alto, e, de uma forma mais sensual do que da primeira vez, começa a retirar a combinação, enquanto circula, com um andar felino, à volta de Salazar. A retirada das meias é feita da mesma maneira. Acaba por se apresentar com umas cuecas vermelhas, de cetim, e um “soutien” do mesmo material e da mesma cor. Após o que se senta no chão, de pernas cruzadas, ao alcance do ditador.

RICARDINA (*carinhosa*) – Professor... Presidente...

SALAZAR (*levantando os olhos dos papéis que lê, e olhando-a por cima dos óculos*) – Sim?

RICARDINA – É o meu primo. Não quer ir para os Açores, porque faz tenção de casar daqui a três meses, e é uma grande arrelia para os pais.

SALAZAR – Não quer? Ora essa, e ele tem querer, por acaso?

RICARDINA – Não quer. E para quê ir agora, se o Pessa diz na BBC que ninguém quer invadir os Açores?

SALAZAR – Sim, senhor. Ora aí está no que dão as familiaridades com o Povo. Deita-te com crianças e acordarás molhado. Com que então, já se ouve a BBC, já se ouve o Pessa... A Emissora Nacional já é demasiado reles para a marquesa. E ainda por cima se gaba. Ora o desplante, hem?

RICARDINA (*incrédula*) – Ah, ah, ah, ah... Mas que mal tem ouvir o Pessa?

SALAZAR – Que mal tem ouvir o Pessa? Que mal tem? Tem muito, pois então.

RICARDINA (*incrédula*) – Ah, pode lá ser...

SALAZAR – Esse senhor, hem?, esse senhor não respeita ninguém. O caso de Hitler, por exemplo. É o Chefe do Estado Alemão. É Autoridade. Merece respeito. Pois esse Pessa é para com uma autoridade legítima de uma insolência a toda a prova. Sempre com piadinhas. Ora qualquer Autoridade, seja ela quem for, tem de ser respeitada.

RICARDINA – Oh, está bem, mas que gente mais complicada... Não volto a ouvir o Pessa, não. Quero lá saber do Pessa. Mas o meu primo?...

SALAZAR – Vai para os Açores, tal como os outros vão. Os interesses da Nação passam por cima dos interesses de cada um.

RICARDINA (*mais dengosa*) – Oh, Excelência... Oh, Professor... Oh, Sr. Presidente...

SALAZAR – Sem outro assunto... Ah, e outra coisa. Não gosto que me mintam. Com que então não sabias ler, só assinar o nome e mal, e estavas a ler uma revista?

RICARDINA – Estava só a ver os bonecos. Não estava a ler. Tem fotografias da Milú. Porquê? Também faz mal?

SALAZAR – Mal, mal não faz. Mas... Nada de mentiras. E nada de embaixadas, nada de favores. Dizer "não" também cansa. (*acerca-se da rapariga e mira-lhe o rosto com atenção clínica*) Que é isto?

RICARDINA – Isto o quê, Doutor Excelência Professor?

SALAZAR – Tens um olho negro, minha filha. Um olho negro. Como é que foi isso?

RICARDINA – Não foi nada.

SALAZAR – Como não foi nada? Então não estou a ver?...

RICARDINA – Ah, pois... Desequibrei-me e bati com a cabeça na maçaneta da porta...

SALAZAR – Quem foi? Quero saber a ver-da-de!...

RICARDINA – Não foi nada... Foi o meu marido que me deu um estaladão e disse que eu era uma grande puta e que o ando a enganar com o grande... a Excelência sabe...

SALAZAR – Que eras uma grande?!... Que eu sou um grande?... Grande quê?... Deixa estar, não digas... Mas esse homem é... Deixa estar que eu já o arranjo!...

RICARDINA – Oh, Excelência, por favor!...

SALAZAR – Olha se fosse noutro tempo, e eu me chamasse Luís XIV, ficava logo todo emproado. Como estamos em Portugal, e eu me chamo António, e mesmo que o Estado seja efectivamente “eu próprio”, vá logo de insultos e de peixeirada. Ele vai ver...

RICARDINA – Oh, Excelência, não! É o meu marido! Se ele não me batesse, eu até iria ficar com má impressão dele. Afinal, ele é homem, não é?

SALAZAR – Como princípio, até concordaria. E aliás é esse o modo por que trato os meus inimigos. Acabam sempre, de uma maneira ou de outra, por sentir no corpo o peso do meu desagrado.

Cena 3

A cena é idêntica. Mas, agora, Ricardina veste uma combinação de cor violeta.

Quando Salazar entra, a cena está em silêncio, a rádio apagada, as luzes mais veladas. Ricardina lima as unhas, em silêncio, e como que alheada do que se passa em seu redor.

Salazar senta-se, coloca alguns papéis na secretária e rubrica algumas folhas. Olha, em silêncio, por cima dos óculos, a mulher que está sentada na cama e que, ostensivamente, não dá pela sua presença.

SALAZAR – Onde estão as flores e as velas?...

RICARDINA (*parecendo despertar*) – Hem?

SALAZAR – As flores e as velas. Onde estão?

RICARDINA – Flores?

SALAZAR – Sim, e já agora o morto? Onde está o morto?

RICARDINA – Qual morto?

SALAZAR – É que toda esta animação vinha mesmo a calhar para uma vigília.

RICARDINA – Credo. Longe vá o agouro.

A rapariga desencosta-se da cabeceira da cama e, ficando ainda sentada na cama, coloca os pés no chão. Esconde a cabeça nas pernas e faz menção de soluçar. Ergue a cabeça e enfrenta o ditador.

RICARDINA – Prenderam o meu marido. Passou a noite toda no Aljube. E pergunto eu – porquê? Porquê, Doutor Excelência?

SALAZAR – Ora essa, porquê!... Bateu-te, disse que eu era um grande... Não disse “um grande homem”, pois não?

RICARDINA – E já agora, a Excelência por acaso pensou no que fazia eu, com o marido preso? Para andar aqui a dar espectáculo, feita parva, deixei de trabalhar. É só o meu marido que ganha lá para casa. E se o mandassem para Cabo Verde ou para Timor, por acaso pensaram no que é que ia ser de mim? Hem?... Palavra, nunca pensei

que uma pessoa como a Excelência fosse tão mauzinho, tão mau-zinho mesmo.

Salazar olha-a, em silêncio.

Ricardina levanta-se da cama e caminha até Salazar. Chegada junto dele, ajoelha-se e cruza os braços, por cima das pernas do ditador.

RICARDINA – Libertaram-no hoje de manhã. Chegou a casa, não me disse uma única palavra, fez as malas e foi-se embora. Nem uma palavra. Como se tivesse nojo de mim... E agora, o que é que vai ser de mim?... *(senta-se no chão, chorosa)* E porquê? Nunca houve nada entre mim e a Excelência. Nadinha mesmo. É como se estivéssemos na praia e me vissem as pernas. Que mal tem?... Mas quem é que iria acreditar, se eu falasse?

SALAZAR – Falar? Falar o quê? *(e ameaçador, com o dedo em riste, em tom repreensivo)* Ó menina, ó menina, ó menina!...

RICARDINA – Se eu falasse... Mas eu não falo...

SALAZAR – Eu que adivinhe!...

RICARDINA *(enfadada)* – Ia lá falar!... De quê?, é só parvoíces. Não falo, não, está descansado... Mas estou tão desamparada... Tão só, tão só... sem ninguém. E com um filho para criar, ainda por cima. E Meu Deus por uma coisa de nada, que não tem mal nenhum... Oh Meu Deus!... como as coisas se armam... Mas que mal tinha? E agora?...

Cena 4

A cena é idêntica. Ricardina está sentada, por cima da cama. Veste uma combinação verde e vermelha. Uma perna estendida, outra flectida, com a planta do pé fincada na colcha. Vai comendo bombons que retira de um prato na mesa de cabeceira.

Entra Salazar, transportando um “dossier”. Senta-se junto da mesa, e embrenha-se na leitura, brincando com um lápis.

RICARDINA – Eu estou bem, obrigado.

SALAZAR (*erguendo os olhos para a rapariga*) – Hem?

Na ausência de resposta, volta a mergulhar na leitura.

Ricardina levanta-se e, em passos felinos, aproxima-se do ditador. Acaricia-lhe e massaja-lhe a cabeça. Em agradecimento, Salazar dá-lhe um toque gentil, com a mão, num braço.

RICARDINA – Antoninho, tens que descansar, filho. Sempre agarrado aos papéis. Isso não é vida.

SALAZAR – Ah, pois.

RICARDINA – E como é que o meu querido pensa que uma mulher se sente quando preferem ler eu sei lá o quê, em vez de olharem para ela? Mal, não é? A Ex-ce-lên-cia ainda nem sequer me disse o que é achava da minha combinação... (*Salazar olha para ela, em silêncio, apreciativo*) Dá vontadinha, não dá? Dá tulinha, não é?

SALAZAR (*repreensivo*) – Menina, menina... Vamos lá... Respeito.

RICARDINA – Mas, Antoninho, o menino está sempre a dizer que ama a Pátria, a Pátria isto, a Pátria aquilo!... Ui, desde que não seja a mãe da minha vizinha Gertrudes, que também se chama Pátria, e vai nos oitenta anos... Não é a mãe da Gertrudes, pois não?... (*Salazar nega com a mão*) Ai, ainda bem... (*em tom persuasivo, como quando se fala com crianças*) Então, se gosta da Pátria, também tem que gostar da bandeira. Tem que ser.

SALAZAR – Ó menina, mas que alegorias são essas?

RICARDINA – Filho, eu cá bem queria dar-te uma alegria. Tu é que não deixas. És mauzinho para a querida.

SALAZAR – Não estamos a falar da mesma coisa.

RICARDINA – Ó Antoninho, deixa lá o latim, que já não estás no seminário, e até parece mal... (*anda, por momentos, á volta do ditador, pensativa, mordiscando um dedo. Retoma, com uma voz mais velada e insinuante, acariciando a cabeça de Salazar*) Faz de conta que a Pátria é agora a tua mamã. Deixa que a mamãzinha cuide agora do menino, que se preocupe agora com o menino, ‘tadinho dele que está tão sozinhito, que lhe dê agora calorzinho, e muito miminho ao menino, e muita maminha boa, e muito renhónhó... E a menina também quer miminho, muito miminho, muito miminho...

Ricardina tira o “dossier” das mãos de Salazar e puxa-o pela mão, fazendo-o levantar-se.

Diminui a iluminação da cena e há jogos de luzes coloridas sobre o palco, que impedem a visão do que se está a passar em cena.

Ouve-se a “Samaritana”

Quando a música chega ao fim, a iluminação da cena volta à intensidade anterior.

Salazar e Ricardina estão dentro da cama. Ele em pijama, ela nua, aparentemente. Salazar lê um “dossier” que tem na capa o escudo de Portugal.

Cena 5

A cena é agora um espaço muito simples, montado como um estúdio fotográfico, em que há projectores, e uma câmara fotográfica, montada sobre um tripé.

Uma cadeira, no centro, em que Salazar se senta, e sobre que as luzes incidem, em especial. Numa cadeira, mais afastada, senta-se Ricardina que, nesse momento, pinta as unhas.

De pé, encostado a um armário, António Ferro dá uma vista de olhos pelos jornais que se amontoam numa mesinha perto dele.

Salazar lê também o jornal, enquanto o fotógrafo faz incidir os projectores sobre a sua figura e estuda efeitos de luz e sombra. Por fim, o fotógrafo parece satisfeito.

PERESTRELO – Excelência, parece-me que agora...

SALAZAR – Com certeza, Sr. Perestrelo. (*pousa o jornal na mesinha*)

RICARDINA (*enquanto o fotógrafo vai tirando fotografias e António Ferro sugere poses*) – No meu bairro... a verdade é para se dizer... falam muito mal de... do Senhor Professor. Ai, muito, mas mesmo muito mal... Muito mesmo... Eu até tenho vergonha de repetir o que eles dizem. E depois eu é que sou peixeira, está claro não é?, já se está mesmo a ver, pois está claro... Mas é verdade e é mesmo impressionante o que as pessoas dizem nas bichas de racionamento. É que faz impressão. “Ó Meu Deus, porque é que ele não se vai embora?”... Ele, já viste... quer dizer, o Senhor Professor já viu? Mas que descaramento... E eu é que sou peixeira. Pois... “Esse grandessíssimo... agora é que eu não repito nem que me matem... Esse (*tosse*) é que havia de estar aqui na bicha, como eu, desde as cinco da manhã. E azeite este mês ainda não lhe pus a vista em cima. E açúcar já não sei o que isso é.”... E depois isto e aquilo e não sei que mais... Sempre a implicar... Oh, senhores!... E eu com umas ganas de lhe saltar em cima e lhe dizer “Ai minha grande vaca, minha grande badalhoca, e tu sabes o que esse homem trabalha para tirar o País da guerra? E sabes tu a quem deves que a tua rua esteja inteirinha, com os vidros nas janelas, e que haja luz nos candeeiros? Sabes, minha grande porca, sabes?”... Claro, agora eu é que não posso dizer nada, porque sou uma grande peixeira, pois está claro... Pois, e não é só por isso, é que eu vivo lá e gosto de me dar bem com a vizinhança. Que eles, é verdade, olham-me assim um pouco de lado e bichanam um bocadinho quando eu passo, como se eu fosse... Mas não sou, ora aí é que está.

Salazar esboça alguns sorrisos, que o fotógrafo recolhe embevecido.

RICARDINA – É que vê-se que fazem de mim umas ideias mais esquisitas... Claro, estranharam quando eu deixei de vender peixe. Estavam habituados a ver-me assim a modos que escamada. Mas mesmo escamada a sério, com escamas nos braços, não é lá nisso do feitio, que até sou boa rapariga. E agora vêem-me assim mais compostinha, limpinha e arranjada. Bom, deve ser cá um falatório nas minhas costas... Ó, p'rá minha vida!... Ande meu corpo contente e baile toda a gente... E depois, quando lhes dá para me fazerem tagatés... Ó Senhora Dona Ricardina, tenho aqui um problema que só a senhora é que me poderia desenrascar... Ó Senhora Dona, estás a ver, não é?... Está a ver o Senhor Professor?... Senhora Dona!... Só visto!... Só que eu cá por dentro continuo a peixeira do costume e o que me dá mesmo na vontade é de arriar a giga, pôr a mão na anca e armar peixeirada... Ah, agora já sou Senhora Dona, ah, agora já não vendo peixe estragado, ah, agora já não sou ladra... Sim, senhor... Muito bem... Ora ainda bem que já não sou aquela grande puta, que fez tanta pouca vergonha com aquele grande salafrário que o pobre do marido teve de se ir embora, fugido... Mas então diga lá qual é o seu problema, se for coisa que eu possa, sei lá, um raminho de hortelã ou cuidar de uma velhota entrevada... Ai a Dona Ricardina sabe daquele prédio que a minha mãe me deixou, e então o inquilino mete lá mulheres da vida e cobra dinheiro pelos quartos, e eu queria metê-lo de lá para fora antes que a casa fique com má fama, e agora ainda por cima diz que chove lá em casa como se fosse na rua e eu é que tenho de mandar arranjar o telhado, como se eu tivesse dinheiro... E então, pergunto eu, o que é eu tenho a ver com isso? Não posso fazer nada, não sou polícia, não sou juiz... Ai é que a senhora conhece tanta gente. Dizem p'rá aí que até... Oh homem, vamos lá a ver, mas dizem o quê? O que é que dizem?... Ai é que parece que a Senhora conhece o Sr. Presidente... Eu? Homessa, mas qual Presidente? Eu conheço lá Presidentes!... 'Tá-se mesmo a ver que peixeiras e presidentes é o que mais anda p'rá aí aos pontapés... Ai, mas diz-se e da fama... Ó homem, quero lá saber do que se diz. Quero lá saber. Olhe, eu é que tenho um filho para criar e mais estou sozinha, e olhe que não peço ajuda a ninguém. E de mim ninguém tem pena. E ainda rosnam. E ainda no outro dia me vieram com (*em falsete*) ai, não peças a quem pediu nem sirvas a quem serviu... (*suspiro e pausa*) Ó sorte malvada...

O fotógrafo retira-se de cena. António Ferro avança para Salazar, de jornal na mão.

SALAZAR – Este Perestrelo... é de confiança?

ANTÓNIO FERRO – É um dos melhores fotógrafos do “Século Ilustrado”. Também é muito conhecido por fotografar meninas nuas. E quando digo meninas, é mesmo meninas, e com menos de doze anos. É a sua fraqueza. Foi o seu secretário que mo recomendou...

SALAZAR – Ah, ele tem fraquezas... Bom, isso é bom... Significa que é de confiança.

ANTÓNIO FERRO – O que não há dúvida é que esta sessão foi um sucesso. Não vai ser fácil escolher entre tantas as fotografias para os cartazes e para o retrato oficial. Acho que pela primeira vez vi o Senhor Presidente com uma expressão... quase feliz.

Cena 6

A cena é agora um palco de revista.

O cenário representa o bairro de Alfama, vendo-se a Sé e o Castelo de São Jorge.

A meio, um candeeiro.

Passa uma varina, vestida com um “maillot” e avental, com saltos altos, pintada, equilibrando na cabeça uma canastra.

VARINA – Olha a minha sardinha! Olh’ó meu carapau!

Pousa a canastra no chão.

VARINA – Ora esta, é a primeira vez que não anda tudo ao biscoito para me ficarem com a sardinha (virando-se para o público) É que a minha sardinha é muito fresquinha, e toda a gente gosta. Até o meu amor, que é doutor, não quer outra coisa.

Entra um soldado inglês e, em vez de capacete, traz um chapéu de coco.

VARINA (*continuando a dirigir-se ao público*) – Eu não disse? Já estava estranhar.

INGLÊS – Eu querer ficar com tua sardinha.

VARINA – Olha este, olha este, que até parece que me conhece de algum lado. Deixa estar que eu dou-te a minha sardinha, até te dou a minha faneca, mas vais ter que me dar o teu dinheirinho. ‘Tás a ouvir, ó bife?

INGLÊS – Eu dar-te letra a noventa dias.

VARINA – ‘Tás aqui ‘tás a levar com o linguado. Então achas-me com cara de quem só come de noventa em noventa dias? Ó filho, olha que este corpinho é de muito alimento. ‘Tá bem, ‘tá.

INGLÊS – Eu não entender.

VARINA – Eu logo vi que não eras lá muito dotado para línguas. Ai o meu amor, que é doutor, se estivesse aqui, ele é que te respondia.

INGLÊS – Estar cá seu amor?

VARINA – Não está, mas já estive.

Entra um soldado alemão, de calções e de chapéu à tirolesa.

ALEMÃO – Dá-me teu carrapau. Já!

VARINA – Ai filho, que medinho! (*funga*)

ALEMÃO – Carrapau! Já!

VARINA – Olha este armado em mau! Tem trambelho, filho, ou pensas que está a falar com quem, com o tio Adolfo, não? Tem maneiras, menino. Vejam só: está farto de levar na corneta, mas comigo ainda se entesa. Pois é, meu menino, o meu amor, que é doutor, quer tudo por igual – quando não há sardinha para um, também não há carapau para o outro.

ALEMÃO – Está cá... seu amorr?

VARINA – Não está, mas já esteve.

INGLÊS – Mas se não vender seu peixe, e não fizer negócio, você não ter dinheiro.

VARINA – Não te preocupes. O meu amor, que é doutor, é muito poupadinho, e tem o baú cheio. E olha que tem cá um baú, tem cá um baú que até mete respeito.

INGLÊS – Então, e seu doutor, que é amor, deixar tu vender peixa?

VARINA – É que ele prefere ver-me escamada a ver-me virada do avesso.

ALEMÃO – Teu amorr serr doutorr de quê, afinal?

VARINA – Ó filho, é doutor das amígdalas! E olha que ‘tás mesmo a precisar que ele te trate. O que tu tens é muita garganta!

ALEMÃO – Mas não estarr cá, teu amorr?

VARINA – Não está, mas já esteve.

O Inglês começa a mexer na canastra. A varina dá-lhe com um peixe na cabeça.

VARINA – Ó meu grandessíssimo bife, mas quem é que te deu licença para me andares a mexer na sardinha!? Aqui só se mexe com ordem do meu amor, que é doutor!

Atravessa a cena um indivíduo vestido a rigor, com um fato cinzento e chapéu preto. Tira repetidas vezes o chapéu, na direcção dos espectadores.

ALEMÃO – Não me digas que teu amorr não estarr cá, que tu serr muito mentirrosa!

VARINA – Ó filho, pela minha saudinha, e é que não está mesmo... Já esteve!

A Varina começa a cantar.

**O meu amor é doutor
E dá ao País a riqueza.
Ele dá-me o seu amor
Eu dou-lhe minha beleza.**

**Fui às aulas do Professor,
Aprendi bem a tabuada.
Ele é mestre no amor
E eu sou a sua amada.**

**Ó meu São Bento adorado
Não deixes meu peixe estragar.**

**Não quero que por um linguado
Fique meu amor a escamar.**

**Em troca de um linguado
Recebi um beijo ardente
Muito bem repenicado,
Fresquinho e ainda quente.**

**Meu amor já é doutor
E eu aluna aplicada
Ele é mestre no amor
E eu sou a sua amada.**

Cai o pano.

Fim do II Acto

ACTO III

Cena 1

A cena é agora uma exposição de têxteis (tecidos, mantas e colchas). Um conjunto de dignitários do regime passeia lentamente, admirando os artigos expostos, com atenção mas sem entusiasmo. À frente de todos vem Salazar, parecendo de todos o menos entusiasmado, e trazendo uma fita preta na manga do casaco.

Mais atrás vem outro grupo, em que se destaca Ricardina, a única mulher, elegantemente vestida, pintada e cuidadosamente penteada.

Salazar detém-se junto de cada peça. Enquanto um dos acompanhantes gesticula, apontando para cada um dos objectos expostos, como se fizesse a explicação dos mesmos.

A dado momento, Salazar fica sozinho no meio do palco, colocando-se as outras pessoas à sua volta, mas a distância.

Alguém lhe coloca um microfone perto de si. Salazar retira alguns papéis do bolso do casaco e começa a ler.

SALAZAR – Portugueses, a hora que se vive, plena de contradições e de angústias, ensombrada pelas nuvens que se acumulam na cena política mundial, e por tudo o que tem sido amplamente noticiado nestes últimos dias, seria de molde a fazer fraquejar os espíritos mais fracos e atormentados pelas dúvidas e negativismo do século, e levar à interrogação sobre o mérito de uma política e o valor de todos os sacrifícios que a nós próprios nos temos imposto e também pedido aos Portugueses.

Mas se o valor de uma política, racional e equilibrada, que tem permitido evitar a fome generalizada, preservar o sossego dos lares, e, acima de tudo, manter a paz no meio da dolorosa tragédia que enluta actualmente o mundo, se impõe por si própria e foge a toda a discussão, não pretende o Governo de Portugal, porque nem pode nem quer governar contra a vontade dos Portugueses, impedir quem porventura pense de maneira diferente o apresentar-se ao sufrágio popular que o regresso iminente da paz aconselha que se faça.

Porque não tem o Presidente do Conselho qualquer apego ao poder, no qual só se mantém, a contragosto embora, por imperativo irrecusável e categórico da Nação, bem como pelo sentimento do grave dever de afastar da Pátria Portuguesa os horrores da guerra, gostosamente regressará o mesmo à simplicidade da vida académica e às suas origens e raízes beirãs, caso, em eleições que se realizarão tão livres como na livre Inglaterra, entenda a mesma Nação entregar os seus destinos a quem se lhe afigure mais capaz e melhor preparado para assumir as pesadas e ingratas tarefas da governação.

Cumpre-me agora manifestar o profundo pesar do Governo Português pelo desaparecimento, em circunstâncias funestas, do Presidente do Império Alemão, e expressar ao povo alemão e à família enlutada os mais sentidos pêsames.

Esse o motivo pelo qual hei por bem determinar três dias de luto nacional, durante os quais a bandeira nacional será colocada a meia-haste em todos os edifícios públicos.

Todos os circunstantes aplaudem ruidosamente e, depois de cumprimentarem Salazar, abandonam a cena, de uma maneira mais solta e aliviada do que até aí tinham demonstrado.

Ficam Salazar e Ricardina sozinhos em cena.

RICARDINA – Sr. Presidente... (*mais baixo*) Antoninho, Meu Deus, mas que mentiroso que tu me saíste, meu marotinho. Queres mesmo ir-te embora? Mesmo? Olha, pois, ‘tá-se mesmo a ver que queres... Granda lata!... Tu gostas mais disto que eu de morangos com natas, e eu pelo-me por morangos com natas. E o Adolfo... O menino nunca gostou do Adolfo, sempre a dizer-me que aquilo era mesmo o Anti-Cristo e tinha mais garganta que outra coisa... Porque é que és assim? Peixeira sou eu e não minto tanto.

SALAZAR – Em política não há mentiras, porque a verdade, em política, é coisa que não existe e, portanto, há que inventá-la continuamente. Nenhum povo aceitaria ser governado por quem lhe dissesse a verdade, porque se sentiriam vexados e ofendidos se tal acontecesse.

RICARDINA – António, palavra de honra que às vezes me deixas, assim com as tuas conversas, assim a modos que... cá com uma vontade... Olha que eu sou apenas uma peixeira.

SALAZAR – Não vejo diferenças de monta entre políticos e peixeiras. A dona de casa quer uma pescada fresca, o povo quer ser feliz. Mas não há peixe fresco na cidade. E a política não se fez para alegria do povo.

RICARDINA – António...

SALAZAR – Só uma minoria pode ter peixe fresco, e só uma pequeníssima minoria, só mesmo pessoas muito contadas podem ter tudo o que querem.

RICARDINA – Se eu soubesse que era preciso estudar em Coimbra para vender peixe...

SALAZAR – No fundo, é tudo uma questão de peixe.

Cena 2

A cena é novamente a sala de estar da residência oficial do ditador. Salazar lê o jornal, enquanto escuta no Rádio Clube Português os diálogos do Zequinha e da Lélé. D. Maria faz renda.

D.MARIA – Não sei como é que um homem tão inteligente...

SALAZAR (*baixando o volume do som*) – Sim?

D.MARIA – Não sei como, sinceramente não sei. Uma mulher que não vai à missa e, se calhar, é bem capaz de ser comunista. Olá, é muito bem capaz.

SALAZAR (*sem levantar os olhos do jornal*) – Sim, sim...

D.MARIA – E agora a vir passar as tardes aqui em casa, tardes inteiras. E aqui é uma casa séria, aqui vivem as minhas afilhadas. Olha se as famílias soubessem que vem aqui uma mulher dessas, e que nem é duquesa, nem condessa, nem nada disso, como nos romances, e que até nem fica mal. É rainha, mas de uma coisa que eu cá sei e que não digo...

SALAZAR (*embrenhado no jornal*) – Ah, pois...

D.MARIA – E para mais num momento destes... Meu Deus... Então deixar uma comunista à solta, no mesmo sítio onde os segredos de Estado são como as formigas!? Uma mulher que nem acredita em Deus!?... Desculpe que lhe diga, mas isso não é de pessoa inteligente!...

SALAZAR – Mas alguém já a viu mexer nalguma coisa?

D.MARIA – Eu sei lá!... Que é muito bem capaz... De certeza que já mexeu...

SALAZAR – Ah, bom... se é assim...

Salazar levanta novamente o volume da telefonia e D.Maria concentra-se novamente na sua renda.

D.MARIA – Então é o jeito dela a dar ordens às meninas, como se fossem criadas dela. Só visto. (*arremedando uma terceira pessoa*) Ai, traga-me um chá e torradas que estou com fraqueza. (*reassumindo a sua personagem*) Pois, também eu gostava de ter negras, mas quem quer ter negras paga-lhes.

Salazar baixa novamente o volume da telefonia.

D.MARIA – E já com uns ares de dona da casa, que até mete impressão. Mas quem é que ela pensa que é afinal?

Faz-se uma nova pausa, enquanto Salazar continua embrenhado no jornal e D.Maria prossegue a renda.

D.MARIA (*arremedando uma terceira pessoa*) - O chá está a escaldar, assim não se pode beber. Onde é que já se viu um bife com tanta manteiga no molho. Os sapatos não ficaram bem limpos, assim não pode ser... (*reassumindo a sua própria personagem*) Assim não pode ser, digo eu!... E no outro dia disse à Mariquinhas “Deixa estar, que quando for eu a mandar aqui, vais ter que me andar direita”.

SALAZAR (*arredando o jornal e fitando a sua governanta com mais atenção*) – Ela disse mesmo isso? Assim, tal e qual?

D.MARIA (*acenando afirmativamente com a cabeça*) – E cá com uns ares... A Senhora D. Amélia, ao lado dela, parece uma empregada de limpeza.

SALAZAR – Ah...

D.MARIA – Muito meiguinha, muito docinha, mas não se esqueça do conselho desta parva – Cuidado com aquela menina, que não parece mas tem muito pelo na venta. (*pausa*) E já viu o escândalo, se ela aparece grávida? O que é que as pessoas vão dizer?... (*mais baixo*) Claro, marido velho, mulher nova, filhos até à cova... (*mais alto*) Enfim, ideias parvas desse António Ferro.

SALAZAR (*dobrando o jornal e arrumando-o perto de si*) – Vamos ouvir o resto, está bem? (*aumenta o volume do som da telefonia*)

Cena 3

A cena é agora um quarto de dormir, com uma mobília de quarto de casal, agora sem secretária. Há flores em jarras e um crucifixo na parede, por cima da cama.

Ricardina, em combinação, folheia uma revista ilustrada, enquanto ouve a rádio e se abana vagarosamente com um leque.

Puxa a combinação para cima, revelando as coxas.

Salazar entra, em pijama. Deita-se na cama, por cima da colcha, silencioso, ao lado de Ricardina.

RICARDINA – Cansadinho? O meu menino está cansadinho?

Salazar suspira, fazendo uma expressão em que resume a sua concordância e o seu cansaço.

RICARDINA – Pois está claro, sempre agarrado à coisa pública, isso cansa qualquer um. Mais as Finanças Públicas e essas coisas horrorosas... Eu nem sei como tu aguentas... Vem à mamã, meu lindo.

Segura a cabeça de Salazar e impele-a contra o seu peito. O ditador ajeita-se melhor na cama, em posição fetal, e encosta a cabeça ao regaço da rapariga. Ricardina faz-lhe festas na cabeça.

RICARDINA – O menino tem estado muito ausente e tem feito muita falta à sua gatinha. Seu gatão mauzão. E anda muito frio para a menina. Não é que eu me queixe, até sabe bem com este calor... O menino já não gosta da menina? Já não quer renhónhó com a menina?... Mauzinho...

SALAZAR – Filha, é a guerra.

RICARDINA – Mas qual guerra!?... A guerra já acabou. Agora é só no Japão, e é muito longe, é lá para trás do sol posto. E ainda por cima os Japoneses querem render-se e acabar com a guerra.

SALAZAR (*levantando bruscamente a cabeça e fitando Ricardina nos olhos*) – Ora essa, mas como é que sabes?

RICARDINA – Antoninho, então não foste tu que me disseste?... Oh, menino, até me assustaste. Eu não disse a ninguém. Segredos são segredos, a menina sabe.

Salazar volta a repousar a cabeça no regaço de Ricardina, e esta recomeça a acariciar-lhe a cabeça grisalha.

RICARDINA – E depois o menino é mau para a menina. Porque eu mereço mais do que ser tratada como uma puta. E aqui em casa olham-me com uns olhos, que eu, se tivesse um buraco para me esconder, metia-me lá dentro. Então a tua D.Maria, é pior do que se fosse ela a tua mulher e eu fosse a tua amante. Quando fala comigo, é tão bem educada que até dá medo. *(pausa)* Antoninho, ficas zangado se eu te perguntar uma coisa?

SALAZAR – Diz lá.

RICARDINA – E não ficas zangadinho?

SALAZAR – Não fico, prometo.

RICARDINA – Antoninho, tu já papaste a D.Maria?

SALAZAR *(enfadado)* – Ora, mas que pergunta mais parva.

RICARDINA – Logo vi que não. Realmente, era preciso muita falta de gosto, uma mulher que nem mamas tem. Eu cá se fosse homem não era capaz nem que me pagassem... Porque é que ela não vai para freira?

SALAZAR *(levantando por momentos a cabeça)* – Mau, a D.Maria é sagrada. Preciso dela e ela não sai daqui. Estamos entendidos? Não sai daqui. *(e repousa novamente a cabeça no regaço de Ricardina)*

RICARDINA – Oh, filho, mas eu... Coitada da mulher, nem eu queria... Agora o que eu acho é que mereço mais do que ser só uma puta, enfim, aquela mulher que permite que as Finanças Públicas se desafoguem.

SALAZAR – Pois sim, pois sim...

RICARDINA – Sei muito bem que não sou senhora nenhuma, e que não deixarei de ser peixeira p'ró resto da minha vida, mesmo bem vestida e arranjada, como no outro dia. Agora puta é que a menina não é. Lá isso é que não. *(pausa, enquanto acaricia a cabeça do ditador)* Estamos aqui no Forte de Santo António, uma praia tão bonita tão perto, e nós aqui escondidos, sem pôr o nariz de fora, como se o que fizéssemos fosse alguma pouca vergonha. *(pausa)* Olha, o Hitler casou com a Eva Braun. Não teve vergonha.

SALAZAR *(levantando a cabeça)* – E mataram-se logo a seguir. Se a menina acha que é exemplo...

RICARDINA – Antoninho, eu não andei em Coimbra. *(pausa)* O que a menina queria mesmo era... não era nada por aí além, era só... respeito... Sim, eu sei que não me posso queixar, não me falta nada em casa, o meu filho anda num bom colégio... O Estado tem sido bom para mim.

SALAZAR *(sentando-se na cama)* – Vamos lá a ver se nos entendemos. Não é o Estado. Não é com dinheiro do Estado.

RICARDINA – Oh filho, é o que o envelope diz, qualquer coisa da Presidência.

SALAZAR – Sim, mas esse dinheiro é do meu ordenado, não é do Estado.

RICARDINA – Oh filho, mas tu ou o Estado, para mim é o mesmo e tanto se me dá.

SALAZAR – Não é bem. Não é bem a mesma coisa.

RICARDINA – Oh meu bichaninho, deixa lá isso. De qualquer maneira, és tu quem tem sido bom para mim, e isso a menina não esquece. Por isso é que também gostava de retribuir um bocadinho, e ser eu a tratar de ti, fazer-te a paparoca, essas coisinhas todas. Alguma vez provaste uma caldeirada feita por mim? Hem?... Então, arranja-me tu o azeite e as batatas, que do resto encarrego-me eu. Vais ver o que é bom. E também gostava de ser eu a escolher a roupa que tu vestes, para te pôr mais bonito, mais a meu gosto. Porque o menino, ‘tá bem, já não é novo, mas ainda é um bonitão. As mulheres devem ser em bicha à tua porta.

SALAZAR (*recostando-se novamente*) – Vamos lá, que exagero.

RICARDINA – E depois, gostava de ser vista a teu lado. Que mal tem? És homem, e a um homem nada fica mal. Eu é que sou casada e vê lá se me importo muito com isso.

Salazar parece dormitar.

RICARDINA (*com mais doçura*) – Queria tanto ser rainha... Como nos filmes... Queria pôr um dia aquela coroa que me mostraste no outro dia no Palácio da Ajuda. O meu bichaninho já me imaginou toda nua, e com a coroa posta?... E o meu Rei a fazer à sua Rainha aquelas coisinhas que a deixam maluquinha de todo... Se calhar, serão coisas que se ensinam em Coimbra. (*pausa*) E agora drome que a mamã cuida do seu pintainho grisalho.

Salazar fica mais uns instantes recostado no regaço de Ricardina. Depois, levanta-se e abandona a cena.

Cena 4

A cena é agora um vasto aposento, muito sóbrio, com duas portas, uma à direita, outra à esquerda.

Uma grande mesa, na direita alta, contendo, para além de castiçais, com velas acesas, géneros como garrafas de vinho, um presunto, chouriços, queijo, azeitona, pão e marmelada. Espalhados pela cena estão diversos bancos, sem encosto, cobertos por capas negras. Num deles, por cima da capa, está uma coroa de monarca. Noutra, por cima da capa, um barrete com guizos, de bobo da corte. Ao fundo, uma cadeira com a forma de um trono.

Salazar entra pela porta da direita, seguido por quatro indivíduos, Marcelo Caetano, Lumbrales (João Pinto da Costa Leite), Trigo de Negreiros e António Lino Neto. Caminham com solenidade, como se penetrassem num santuário. Espalham-se pela cena e parecem absortos nos seus pensamentos e não darem pela presença uns dos outros.

Ouve-se um adejar de pássaros e, como se um espírito descesse entre eles, parecem despertar. Tiram os casacos e amontoam-nos por cima da mesa. De seguida, envergam as capas de estudante.

SALAZAR – Marcelo, vá lá fora, feche a porta e escute se se ouve lá fora alguma coisa.

Marcelo Caetano sai pela porta da esquerda e fecha-a com suavidade.

SALAZAR, LUMBRALES, TRIGO DE NEGREIROS e ANTÓNIO LINO NETO (*em uníssono*) – EFE ERRE A! – Ah!, EFE ERRE E! – Eh!, EFE ERRE I! – Ih! EFE ERRE O! Oh!, EFE ERRE U! – Uh!, FRA, FRE, FRI, FRO, FRU, Chiribibi Tátátátá, Hurra! Hurra! Chiribibi Tátátátá, Hurra! Hurra!

Marcelo reentra na sala.

MARCELO – Não se ouve nada.

SALAZAR – Agora a outra porta.

Marcelo Caetano sai pela porta da direita, e fecha-a, suavemente, atrás de si.

SALAZAR, LUMBRALES, TRIGO DE NEGREIROS e ANTÓNIO LINO NETO (*em uníssono e ainda com mais energia*) – EFE ERRE A! – Ah!, EFE ERRE E! – Eh!, EFE ERRE I! – Ih! EFE ERRE O! Oh!, EFE ERRE U! – Uh!, FRA, FRE, FRI, FRO, FRU, Chiribibi Tátátátá, Hurra! Hurra! Chiribibi Tátátátá, Hurra! Hurra!

Marcelo Caetano reentra na sala.

MARCELO – Não se ouve nada.

SALAZAR – Então meus senhores, chegou a altura de começar a tratar das coisas sérias. (*caminha paulatinamente na direcção do trono, enquanto fala*) Tudo o que aqui está foi pago por mim, excepto o presunto, que me ofereceram. A coroa pertenceu ao Senhor Dom João VI e paguei ao Palácio da Ajuda seis escudos e vinte centavos pelo aluguer. Disse que era para mostrar a altos dignitários estrangeiros. Vocês.

ANTÓNIO LINO NETO – E a coroa com guizos?

SALAZAR – Ah, essa alugou-a a D. Maria numa loja de adereços de teatro, acho que é guarda-roupa que se diz... Pago do meu bolso, também.

LUMBRALES – Ah...

SALAZAR (*sentando-se no trono*) – Marcelo, encha os copos.

Marcelo Caetano assim faz, enchendo os copos e entregando-os aos restantes convivas. Entrega, por último, um copo a Salazar, com um leve baixar de cabeça.

Todos se acercam do trono de Salazar.

SALAZAR – Lumbrales, faz uma saúde.

LUMBRALES – Assim, de repente... O que é que há-de ser?... Só se... À saúde de Sua Santidade e abaixo o comunismo!

TODOS (*erguendo os copos, e tocando-os no de Salazar, que se não levanta do trono*) – À saúde de Sua Santidade e abaixo o comunismo! (*bebem*)

SALAZAR – Trigo, é a tua vez.

TRIGO DE NEGREIROS – À saúde do Sr. General Carmona, e que Deus o conserve por muitos anos! E abaixo o comunismo!

TODOS (*erguendo novamente os copos, e tocando-os novamente no de Salazar, que permanece sentado*) – À saúde do General Carmona! E abaixo o comunismo! (*bebem*)

SALAZAR – Lino, Lino, pelo amor de Deus... um pouco de fantasia...

ANTÓNIO LINO NETO – Eu cá só pode ser: Viva a monarquia! E abaixo o comunismo!

TODOS (*erguendo os copos e tocando-os entre si*) – Viva a monarquia! Abaixo o comunismo! (*bebem*)

SALAZAR – Oh, que lástima... Marcelo.

MARCELO CAETANO – Sou pela moderação... Mas, agora reparo, é imperdoável. Os meus amigos estão às escuras. É imperdoável. (*enche os copos de todos, incluindo o de Salazar*) Sou pela moderação, como dizia, e os meios termos agradam-me. Os tons de Outono despertam-me a simpatia. Sim, à saúde das mães de família, das leituras sãs, das irmãs de caridade, das costureiras, e da Milú, linda entre todas as lindas. Meus amigos, vivam as mulheres e abaixo o comunismo!

TODOS (*erguendo os copos e tocando-os entre si*) – Vivam as mulheres! Abaixo o comunismo! (*bebem*)

MARCELO CAETANO, LUMBRALES, TRIGO DE NEGREIROS e ANTÓNIO LINO NETO – Agora!...

SALAZAR – Traz-me a coroa... Marcelo.

Marcelo Caetano, com solenidade, entrega a coroa nas mãos de Salazar. Este levanta-se e coroa-se com ambas as mãos, como se pretendesse recriar o quadro de David sobre a coroação de Napoleão.

SALAZAR – Está um pouco apertada. É que o Senhor Dom João VI o que tinha mais desenvolvido não era propriamente a cabeça.

LUMBRALES – Bom, vá lá de blasfémias. Até que nem era má pessoa.

SALAZAR – Mais vinho. Marcelo, como sempre...

Marcelo Caetano enche novamente os copos e, ao encher o de Salazar, faz uma reverência mais rasgada.

SALAZAR – Vamos lá. (*levanta-se do trono e passeia pela cena, de coroa na cabeça*) – Pois que há-de dizer um homem de governo, carregado de responsabilidades... aliás, trágicas... por vezes, cómicas... Apanharam-me completamente de surpresa. Não estava nada à espera... (*tira um papel do bolso e faz menção de ler*) Que o comunismo até nem é intrinsecamente mau. (*bebe*) Vai até buscar a inspiração à mais pura e legítima doutrina cristã, confira Actos dos Apóstolos, capítulo quarto, versículos 32 a 37. Confira também São Paulo. Se não tivesse sentido o aguilhão da desigualdade, o vexame da servidão, o gosto amargo da subserviência, creio que sim, que eu próprio seria comunista.

ANTÓNIO LINO NETO – (*incrédulo*) – Não... Pode lá ser...

SALAZAR – Mas... Mas, por sorte ou por desgraça, quis o destino brindar-nos... brindar-me com o poder. E obrigar os outros a fazer o que nós queremos e não o que eles querem, é prazer que poucos têm, e é o que dá sentido à palavra “privilégio”.

MARCELO CAETANO – Pois, pois.

ANTÓNIO LINO NETO – Ah, pois é.

TRIGO DE NEGREIROS - Ai não que não é.

LUMBRALES – Ora bem.

SALAZAR (*sentando-se novamente no trono*) – A nossa grande missão no mundo é a de preservar a claridade das ideias e do espírito clássico, e o gosto da simplicidade e da mediocridade gloriosa, até que, cansados de tanto destruir, os homens permitam um novo e luminoso renascimento. Já não no nosso tempo, como é evidente.

TODOS (*erguendo os copos e tocando-os*) – Viva o Padre António Vieira! Viva o Quinto Império!

SALAZAR – E, perguntarão os meus senhores, como? Criando conventos e ordens monásticas, para copiar os grandes textos e preservar a música, a filosofia, o teatro e a poesia? Não nos compete essa tarefa. Não ao Estado. O que cabe ao Estado é impedir a infelicidade, preservar o povo do gosto amargo da vida moderna. Ensinar o bom que é viver com pouco e contentar-se com pouco. Que uma casa, um tecto e lençóis lavados despertem sorrisos de contentamento. Que o cheiro do caldo verde provoque suspiros de puro prazer e votos para que o chouriço nunca falte.

ANTÓNIO LINO NETO – Bem visto.

SALAZAR – Porque ninguém tem culpa da miséria. Eu, pelo menos, não tenho. Quando cá cheguei, ela já existia. Quando me for embora, ela continuará. Pobres sempre os tereis entre vós. Agora a mim...

ANTÓNIO LINO NETO – Mas essa frase de Cristo, não será como a maldição que lançou à figueira, assim como algo que se diz num momento de mau humor, e que não é mais do que isso?

SALAZAR – Sim, mas afinal o que é a verdade, não é? Eu cá para mim, com a autoridade das minhas ordens menores, acho que o que o Cristo quis dizer foi que até ao fim dos tempos ninguém iria levar a sério o que ele dizia, tirando um ou outro que iria arranjar problemas para si próprio e para a família... Não falemos mais em Cristo...

ANTÓNIO LINO NETO – Estou de acordo. Para mais, agora, quando parece que as portas do Inferno foram abertas este ano, em Hiroshima.

SALAZAR – Já agora, não falemos também no Diabo... Por uma questão de neutralidade... (*guarda novamente no bolso o papel que dele retirara*)

MARCELO CAETANO – Então, hoje é mesmo dia... para falar... sem peias, nem entraves...

SALAZAR – Homem, pois está claro. Fui eu quem convocou o Grande Conselho, não fui? Então?...

MARCELO CAETANO – E sem represálias...

SALAZAR – Ah, lá isso, pode bem haver. Quem muito se alargar, pode a conta do vinho ter de pagar. Não cabe ao Estado suportar as despesas das carraspanas do Grande Conselho.

LUMBRALES – Hem? Hem? Que é lá isso? Então não tinhas sido tu a pagar o vinho (*batendo bem as sílabas*) do-teu-bol-so? Hum?...

SALAZAR – Eu ou o Estado... Ah, já percebi, queriam fazer-me dizer alguma frase histórica. Seus marotos.

Todos bebem.

TRIGO DE NEGREIROS – Vinha eu para cá, muito descansado, a gozar a tarde, vem aí um desavergonhado de um pombo, cagou-me em cima do ombro.

SALAZAR – Do lado direito ou esquerdo?

TRIGO DE NEGREIROS – Do lado direito.

SALAZAR – É bom augúrio.

TRIGO DE NEGREIROS – Pode-me é dar cabo do casaco. Mas se é bom augúrio...

SALAZAR (*sentando-se novamente no trono*) – Vinde, classes sociais, mesterais, escolares em leis e servos da gleba, vinde aconselhar o vosso Rei nestas Reais Cortes da Real Paródia, convocadas para a mui sagrada noite de São Martinho. Marcelo, nos termos do disposto no artigo 296, parágrafo terceiro, do Código Administrativo, encha os copos, mas de forma definitiva e executória, ou seja, de caixão à cova. (*pausa, enquanto Marcelo Caetano volta a encher os copos*) E então, meus amigos, anestesiadas que estão as nossas dores, chegou a altura de lhes dizer que estou cansado da coisa

pública, e que me apetece o regresso à vida simples e modesta, sem cuidados, as aulas na Universidade e a casinha no Vimieiro?

MARCELO – Não, que ideia!...

TRIGO DE NEGREIROS – Ora essa, mas porquê?

ANTÓNIO LINO NETO – Mas por alma de quem?

LUMBRALES – António, deixa-te de merdas.

SALAZAR – Mas sim, mas sim, agora com a vitória dos Ingleses e dos Americanos, é muito natural que eles queiram mudanças, caras novas, sei lá, partidos, até mesmo democracia... Pode muito bem ser...

LUMBRALES – Pois, pois, deve ser, deve. Oh, Meu Deus, se isto não é mesmo tentar a Providência!... António, ganhaste as eleições. A oposição falou e talvez nem falasse tanto na livre Inglaterra. A oposição encheu-se de assinaturas e nem às eleições foi. Porquê? Porque não era eleições o que eles queriam, e que bem sabiam que só lhes daria alguns lugares na Assembleia, mas sim o golpe militar, que lhes daria o bolo todo. Sem muitas perspectivas de sucesso, pois não teriam o apoio dos Americanos nem dos Ingleses, isso é claríssimo. Agora com a terceira guerra mundial a rebentar mais dia menos dia, o que lhes daria maior contentamento seria mesmo a Península Ibérica nas mãos dos vermelhos, a fechar-lhes a entrada na Europa e na África.

MARCELO CAETANO – Terceira guerra mundial?... Não acredito. Os Americanos têm a bomba atómica e um aparelho industrial esmagador. Os Russos estão em frangalhos. Como é que pode haver guerra?

SALAZAR – Não, não, eu também creio que a terceira guerra mundial é inevitável.

LUMBRALES – O que os Americanos querem mesmo, mesmo, é segurança. E isso nós podemos dar. Se me permitem uma opinião sincera, que eu vou mesmo dar, quer queiram quer não, o caminho certo passa pelo endurecimento do regime, pelo reforço da autoridade. Mais polícia e mais censura. Quem não está bem, que se mude. Os vencedores não se vão opor. Eles não querem a anarquia na Península. Querem lá democracia! O que eles querem mesmo é mão de ferro. E isso nós podemos dar!

TRIGO DE NEGREIROS – Por outro lado, António, já fizeste todas as concessões que eram possíveis, as eleições foram um sucesso, a oposição não foi às eleições porque não quis, os números oficiais da abstenção foram muito razoáveis e muito bem aceites lá fora... Que mais queres para ficar contente?...

SALAZAR (*suspirando*) – Queria tanto a liberdade...

ANTÓNIO LINO NETO – É o vinho a falar.

LUMBRALES – Não, deixa ouvir...

SALAZAR – Não, não, a sério, o que eu queria mesmo era ser livre.

ANTÓNIO LINO NETO – Pode lá ser... A liberdade é uma coisa que não existe.

TRIGO DE NEGREIROS – Não passa de uma fantasia.

SALAZAR – No outro dia, ainda antes do fim da guerra na Europa, senti-me envergonhado. Coisa estranha em mim. Era uma Sinfonia de Beethoven, a Nona. Termina com um coro, que é uma coisa espantosa. Pedi ao Ricardo Espírito Santo, que sabe Alemão, se me podia traduzir o poema. Então ele disse-me que o título do poema era “Ode à Alegria”, mas que isso se ficava a dever à Censura, que não permitiu ao poeta Schiller manter o seu nome original “Ode à Liberdade”. E assim alegria, “Freude”, ficou no lugar de liberdade,

“Freiheit”, para que uma palavra sugerisse a outra. A poesia ri-se da Censura. Quem não pensará em Liberdade ao ouvir “Tua magia volta a reunir aqueles a quem o costume impiedoso dividiu; todos os homens se transformam em irmãos sob a vossa asa delicada; Abraçai-vos milhões...”

ANTÓNIO LINO NETO – Mas, António, não é a Poesia que move o Povo, mas sim o ventre, a barriguinha, a coisa material.

SALAZAR – Talvez, não sei, mas se eu pudesse viver de novo uma outra vida, era a liberdade o que eu mais queria. Não aturar a soberba dos ricos, donos de tudo o que eu não tinha, mas tão somente pelo nascimento, sem qualquer mérito pessoal. Não serem os outros a determinar onde deveria ser o meu lugar, mas sim a ser eu, eu mesmo, pela minha própria vontade, a escolher o meu próprio lugar.

LUMBRALES – Ui, aí há ressentimentos antigos!...

SALAZAR – Senhor conde, senhor 4º. Conde de Lumbrals, pois há, não o nego. Detestei o seminário e todos os seus rigores. Sim, é verdade que me ensinou duas coisas igualmente preciosas, a Autoridade e a Dissimulação. Mas tornou-me para sempre um prisioneiro, e transporto comigo as minhas grades para onde quer que eu vá. Porque o que eu queria mesmo era ser livre, molhar os pés nos regatos e arrancar a fruta das árvores.

ANTÓNIO LINO NETO – E, se calhar, ver as mulheres pelo lado do prazer e não do pecado.

LUMBRALES – Está bem, está bem. Pois, liberdade, acho muito bem. Também aprecio. Acho uma coisa muito boa. Quem é que não gosta, não é? Mas não será que, por detrás dessas, aliás legítimas, aspirações de vida livre, se encontre... sei lá, uma peixeira? Hum?... *(Salazar cruza os braços e fica numa atitude expectante)* E se falássemos então de peixeiras? Hum?... Sinceramente... e é para isso que aqui estou, para dizer o que penso... O momento das peixeiras já passou, já não é a época delas.

SALAZAR – Sim, estou a perceber.

LUMBRALES – Peixeiras agora parece-me contraproducente.

TRIGO DE NEGREIROS – E além disso, são perigosas.

ANTÓNIO LINO NETO – Por outro lado, António, tens tudo na mão para conseguires uma coisa extremamente difícil – manter o poder ainda por bons anos. O poder resulta sempre de um equilíbrio entre a vontade e a inteligência de quem manda, e o cansaço e a inércia de quem obedece. Ora, esse equilíbrio existe neste momento.

LUMBRALES – E voltando às peixeiras... Sim, eu sei que é um assunto que já tem escamas, não é?... mas mesmo assim há que falar nelas. Isto é: há que cultivar o distanciamento e não o abandalhamento. Mais Império e menos Éden. Nada de políticas amaricadas do espírito. António Ferro, fora! A próxima década não deverá ser de política do espírito, mas sim de polícia do espírito. O regime não precisa de inteligência, é o que estas últimas eleições acabaram por demonstrar à saciedade. O governo tem é de mostrar cara rígida, severa, e, e, e, e... casta! Divertimentos, arroubos, sonetos, ramos de rosa, nada! Não pode ser!

TRIGO DE NEGREIROS – Ainda se fosse uma pessoa da casa, e tudo fosse dentro de casa, pessoa séria, asseada, e que não falasse lá fora...

LUMBRALES – Pois, está bem, mas sem ser o mostrengo da D.Maria.

TRIGO DE NEGREIROS – Mostrengo? Acho que estás a ser um tudo nada injusto...Olha que até é uma mulher que, vendo bem, tem algo de muito sensual a transparecer na sua frieza...

LUMBRALES – Sensual? Serão isso maneiras de se falar da mulher de César?

TRIGO DE NEGREIROS – Eu falava em termos puramente abstractos... Porque as peixeiras são realmente perigosas... Perigosas mesmo...

Salazar cruza os braços, parecendo ao mesmo tempo interessado e divertido.

LUMBRALES – Logo vi. Agora uma sopeira gordinha, e com rosetas nas faces, isso é que não tinha nada contra e tudo a favor.

MARCELO CAETANO (*depois de beber um copo de vinho*) – No fundo, é o próprio regime que está em causa. Não nos iludamos, é uma questão de regime.

LUMBRALES (*colocando o barrete na cabeça*) – É mas é uma questão do raio que o parta. Com que então, exigem-se renúncias, não é? Pois muito bem. A inteligência renuncia à liberdade, os monárquicos renunciam à restauração, o povo renuncia à fartura. E nós? E tu, António? Ora aí é que está!... Este é o momento de ser refinadamente hipócrita, e, António, vais ter que te exceder a ti próprio e deixar sair o seminarista que permaneceu dentro de ti. Vais ter de falar em abnegação e sacrifício. Exagerar na severidade e na renúncia. No teu sacrifício, na tua renúncia. E fazeres-te de vítima, que as pessoas gostam. *Victor quia victima*, como diria Santo Agostinho. (*pausa*) Usa a tua frieza, o teu temperamento britânico, até mesmo a tua crueldade. Não te será difícil. Não te será desagradável. Mas lá o sacrificiozinho, meu rico, desse não te livras. Peixeiras, fora! (*tira o barrete e bebe vinho*)

MARCELO – Eu não interrompi o Sr. Conde, porque tinha o barrete na cabeça e há que respeitar as prerrogativas, mas, por amor de Deus... hipocrisia?... Em política?... Valerá a pena falar em hipocrisia quando se fala de política?... Eh, vamos lá a ver, claro que a política é uma prática contra a natureza. Eu vejo as pessoas como um sistema de vasos comunicantes em que a política é o único meio de manter desigual o nível da água em cada um dos vasos. Se deixássemos a natureza seguir o seu curso, provavelmente as pessoas seriam felizes. Não podemos permitir tal coisa... (*pausa*) Mas que digo eu?... (*bebe vinho*) Sim, a actualidade deixa-me confuso,

perplexo, e até assustado, sim, mesmo assustado... No outro dia, estava em conversa com o Bianchi, que me disse que o lançamento das bombas atómicas no Japão se deveu tão somente à necessidade de evitar o inquérito à maneira como desapareceram milhões e milhões de dólares nesse projecto. É assustador, mas parece que o futuro será assim, feito por trifulhas a papaguear as virtudes dos patrícios romanos.

ANTÓNIO LINO NETO – Os tempos que se avizinham serão da mais férrea moralidade. E é preciso... e é preciso ir com os tempos, sem doçuras, sem romances...

TRIGO DE NEGREIROS – E sem peixeiras.

LUMBRALES – António, embora te custe a aceitar, o mundo mudou, o império já não é inglês, agora é americano. E nesse mundo que mudou, tu fizeste eleições e ganhaste. Neste dia da Graça de noite de São Martinho, venceste, estás com os vencedores. Só com o esforço de espezinhar um pouco a União Nacional que estava moribunda e acabada e, na verdade, já não existia. Tens a sorte de contares com uma oposição francamente palerma, sem nenhuma figura que entusiasme. Ora, nesse mundo mudado, tu e Franco são as pessoas certas na Península. Os americanos nada têm contra ti. Com a destruição de Monte Cassino, pensou-se: lá está, os anarquistas que semearam bombas desde 1870 até 1914, lograram finalmente os seus intentos e destruíram a civilização. E eu digo, qual anarquistas, qual história. A prova é que neste cantinho tudo continua imutável e sereno. E assim terá de continuar, como até aqui. O reino da moderação, uma ditadura serena, tranquila, de pai de família, que premeia e castiga. E nada contra uma democracia à grega, vida frugal, pão e azeitonas, com cidadãos ordeiros discutindo filosofia e passeando pelas colinas.

MARCELO CAETANO (*bebendo vinho*) – E com escravos. Os atenienses tinham escravos. Os espartanos escravos tinham.

TRIGO DE NEGREIROS – Não te podes ir embora, António. E tem cuidado com as peixeiras... Olha que o caso de Tristão e Isolda nem sequer é tão complicado...

ANTÓNIO LINO NETO – E, António, se as coisas correrem mal, ninguém dirás que desceste do teu pedestal, mas sim que caíste dele abaixo.

LUMBRALES – E ninguém to agradecerá. Os americanos é que não, seguramente. Cai o regime em Portugal, logo a seguir cai em Espanha.

TRIGO DE NEGREIROS – Está a ver o meu amigo como as peixeiras são perigosas?

LUMBRALES (*colocando o barrete*) – E António, pensas tu, por acaso, que te vão deixar voltar sossegadinho para a tua cátedra de Coimbra, ensinar Finanças Públicas, ou para o teu pardieiro do Vimieiro, comer descansadinho a tua broa? Pensas? Pois podes ter a certeza que não te perdoarão. Nada: Nem a tua competência, nem a tua seriedade, nem a tua solidão, nem mesmo a tua crueldade. Nada te perdoarão. O mais certo é acabarmos todos fuzilados e expostos no Rossio, de cabeça para baixo, como o Mussolini. E tu, claro, com a peixeira ao lado. (*tira o barrete*)

TRIGO DE NEGREIROS – Estás a ver? Estás a ver? Eu não dizia que as peixeiras eram perigosas?

SALAZAR (*bebendo e cobrindo-se mais com a sua capa de estudante*) – Faz frio lá fora.

Cena 5

A cena volta a ser a sala de estar, onde Salazar e D. Maria passam os serões. Tem uma porta na parede da frente e outra na do lado direito da cena.

D. Maria está acompanhada pelas duas empregadas que apareceram no início da I Cena do I Acto.

D. Maria, sentada num sofá, reza o terço, enquanto as empregadas, sentadas em duas cadeiras, fazem renda.

Escutam a rádio, que transmite orações – Avé-Marias – ditas por homem de voz esganiçada e untuosa.

Abre-se a porta da direita e entra Ricardina, que parece surpreendida ao ver gente na sala. Veste um casaco comprido, com uma gola de pele.

D. Maria faz um sinal às empregadas, as quais logo se levantam e abandonam a sala. Depois, desliga a telefonia e levanta-se, ainda com o terço na mão.

RICARDINA – Bom dia.

D.MARIA – Às seis da tarde? Bom dia? Vamos lá ...

RICARDINA – Mesmo assim, bom dia... Espero não estar a interromper nada.

D.MARIA – Estava a meio de um mistério doloroso.

RICARDINA – Ah pois... Coitada...

D.MARIA – Sim, mas depois serão mistérios luminosos, gloriosos e gozosos.

RICARDINA – Ai ainda bem.

D.MARIA – Perguntará talvez o que são os mistérios dolorosos?

RICARDINA (*desdenhosa*) – Vou mesmo perguntar. Quero lá saber.

D.MARIA – O primeiro mistério é a agonia, o segundo a flagelação, o terceiro a coroação com a coroa de espinhos, o quarto a subida ao Calvário, e o quinto a morte.

RICARDINA (*tirando o casaco*) - Credo, mulher. Subir ao Calvário, ainda vá lá, que tenho uma prima na Rua dos Lusíadas, agora a morte, cruzes, canhoto! Morra lá você, que é mais velha!...

D.MARIA – Perguntará onde é que eu ia, e a verdade é que apanhou-me mesmo a meio da flagelação.

RICARDINA – Pois cá por mim, continue à vontade com a flagelação, e que lhe faça bom proveito é o que eu desejo. Com licença.

Sem ligar mais a D.Maria, avança para a porta da parede em frente. A governanta apressa-se e, antecipando-se, coloca-se em frente dessa porta.

RICARDINA – Não sei se já lhe disseram que é muito baça para espelho.

D.MARIA – Pergunto a mim própria porque é que há pessoas que dizem sempre as mesmas coisas, e, sinceramente, fico sem saber porque é que se acham engraçadas.

RICARDINA – Tire-se da frente. Olhe que é melhor para si.

D.MARIA (*sem se mover um milímetro*) – Pergunto a mim própria – Meus Deus, mas porque é que haverá gente tão mal educada?

RICARDINA – O que eu pergunto a mim própria é se vou começar por te partir as ventas, ou se te vou partir os cornos, ou se te vou dar um murro que te desfaço toda.

D.MARIA – Perguntará talvez, antes de fazer uma coisa tão parva, que lhe pode trazer consequências, porque, enfim, veja lá com quem é que se mete, porque é que eu estou em frente desta porta. Sim, porque é que eu estou em frente desta porta, e não a deixo passar?

RICARDINA – Acho que já percebi, mas olha, tenho pena, mas não gosto de fúfias.

D.MARIA (*mais formalizada e destilando ironias educadas*) – Minha senhora, estou aqui com o encargo de lhe anunciar, de lhe comunicar, que os seus... (*tosse*) os seus serviços foram dispensados, e... (*com mais vigor*) já não tem nada a fazer aqui!

RICARDINA – Mas estás parva ou quê? O que é que tu tens com a minha vida, ó meu pauzinho de virar tripas? Olha que tenho muito mais força do que tu, e se não te viro já ao contrário, é só porque não quero, porque olha, minha grande ranhosa, é que te ando cá com umas sedes, sempre armada em freira zangada, mas o que tu queres sei eu. Vê lá, vê lá se queres, que eu não me ensaio nada. Levas cá uma carga de porrada que não vai haver curativo que te valha... Tu queres que eu conte ao António? Olha que se ele sabe... ele fode-te. E tu não queres que ele te foda, pois não?

D.MARIA (*com gentileza forçada e em tom pedagógico*) – Minha senhora, enfim, compreende-se... Mas foi mesmo Sua Excelência que fez agora uma remodelação ministerial e tem agora orientações novas para a política do País. Foi por isso que decidiu acabar com amizades de pessoas que, na verdade, não estão à altura, percebe-me, não é? Não têm aquela dignidade, aquela compostura... está a ver?... são assim, um bocado, como direi?... assim p'ró avacalhado. E então, Sua Excelência só não lhe manda um bilhete a dispensar os seus serviços, porque parece que a Senhora não sabe ler. Mas tenho aqui um envelope para lhe entregar, com uma mensagem que creio que compreenderá.

Ricardina fica a ouvi-la, boquiaberta.

D.MARIA (*estendendo a Ricardina um envelope*) – Tome, tenha a bondade.

Ricardina agarra o envelope e abre-o desajeitadamente. Caem notas de banco do seu interior.

RICARDINA (*agarrando com violência D.Maria, desviando-a da porta e fazendo-a cair ao chão*) – Ai minha grande puta!!! (*Abre a porta*) Meu grande cabrão! Anda cá, cabrão! (*passando a porta e desaparecendo de cena*) Onde estás, ó meu grande...? Onde é que estás, ó tarado?... Queres que eu me dispa para ti, queres? Queres que eu passeie em combinação, à tua frente, para veres se te entesas, queres? Queres? É que o dinheiro que me deste não chega, ó cabrão!... Cabrão!!!... Sou uma puta muito cara para ti, ó meu grande unhas de fome! Sou muito cara, mesmo muito cara!

Faz-se silêncio. Ricardina reaparece.

D.MARIA (*levantando-se, com a dignidade possível*) – É inútil, Minha Senhora. Sua Excelência não vai aparecer. E aconselho-a a ver como fala. Isto aqui não é peixaria. Pegue no dinheiro, acalme-se e vá-se embora. Todos os meses receberá um envelope com dinheiro, para a ajudar a si e ao seu filho. Só lhe pedimos é que se porte com juízo e não ande para aí a espalhar falsidades, que... e só a estou a avisar, hem?... a podem levar direitinha para o Aljube. Aproveite a bondade de Sua Excelência e não seja ingrata.

RICARDINA (*chorando*) – O grande cabrão... E eu que já lhe tinha ganho carinho... Cabrão... Filho da puta...

D.MARIA – Faça-se mínima. Recolha à sua inutilidade. As pessoas do povo nunca se devem misturar com outras castas, com outras classes. Dá sempre mau resultado. Alguém acaba sempre por sofrer, e sem necessidade.

RICARDINA – Olha com o que esta me vem. A casta. Grande casta. Inútil serás tu, que não és mulher nem és nada. Eu sempre servi

para ter filhos. Eu sei dar prazer a um homem. Não sou como tu, que és seca, és fria, e fazes frio à tua volta.

D.MARIA – Pois, pois... Mas então, por hoje já chega de desaforos, e vamos então andando daqui para fora, sim, Minha Senhora?

RICARDINA – Raios me partam se eu não escavaco esta merda toda! *(agarra numa jarra e atira-a ao chão, com estrondo)*

D.MARIA – Olhe que eu chamo alguém e sai daqui com um olho negro e um braço ao peito. Veja lá!... Só a estou a avisar!... Olhe que a jarra foi cara e se calhar vai-lhe ser descontada no seu... *(tosse)* ordenado.

RICARDINA *(recolhendo as notas do chão e guardando-as no envelope)* – Eu vou, sim, eu vou... *(virando a cabeça para a porta da parede em frente, que ficou aberta)* Cabrão! Maricas! Filho da puta!

Veste o casaco, guardando o envelope num bolso. Sai pela porta da direita. D. Maria senta-se novamente e retoma o terço.

D.MARIA – Meninas, já podem vir!

Cena 6

A cena representa agora o pátio interior do Forte de Santo António. Num dos cantos da cena, encontra-se uma cadeira de repouso. Ao centro uma mesa, com microfones da Emissora Nacional. Noutro canto, uma mesa com equipamento radiofónico. Sentado junto dela, um homem com auscultadores.

Entra Salazar e, dirigindo-se para a mesa com os microfones, faz menção ao técnico de som para que permaneça sentado.

Entram pela porta da esquerda todos os anteriores intervenientes na acção, com excepção de Ricardina e da bruxa Adélia.

Colocam-se todos atrás de Salazar, ficando D.Maria afastada dos restantes.

Salazar tosse e bebe água. Segura algumas folhas de papel que se encontravam em cima da mesa. O técnico de som faz-lhe sinal.

SALAZAR (*lendo*) – Portugueses: se alguma explicação se procurar para o pessimismo que assola, neste momento histórico, as pessoas e as instituições, tal explicação por certo se há-de encontrar na crise generalizada em que a guerra mergulhou a Europa e o Mundo.

Não é apenas a sobrevivência das nações que está agora ameaçada. A crise vai mais longe e corrói os próprios valores e até mesmo as verdades que temos para nós como indiscutíveis, porque naturalmente fugindo a toda a discussão.

As ruínas de Monte Cassino são como que um sinal de alarme dado pela História. Sinal de que os tempos tranquilos de vida fácil, de ideias incontestáveis, de ordem imperturbada, de negócios correntes, de trabalho assegurado, e até de ócio assegurado, são findos. É o mundo que desaba, não o exterior, mas o das nossas ilusões, dos nossos desejos, dos nossos interesses, dos nossos egoísmos, dos nossos hábitos, dos nossos sentimentos, das nossas ideias, das nossas relações com o semelhante.

Mas, interrogar-se-ão as almas dilaceradas pelas inquietações e dúvidas do século, será que nada, mas mesmo nada poderá agora impedir que a civilização seja tragada pelo inelutável abismo que se parece avizinhar? Será preferível cruzar os braços e não opor resistência, como se os nossos valores não fossem efectivamente valiosos?

A resposta será sempre, imperativamente, teimosamente, não! Pois se não cruzámos os braços quando o País estava à beira da ruína, se não tergiversámos quando potências poderosas quiseram fazer de Portugal palco dos horrores da guerra, não será agora que ficaremos insensíveis aos apelos da Pátria.

São grandes os sacrifícios que se exigem? São. Efectivamente, são. Estará a salvação na renúncia à facilidade e à fruição imediata dos prazeres e dos confortos da civilização moderna? Sim, com certeza que sim.

Tenho para mim, e consistentemente o tenho demonstrado, que apenas a renúncia e o despojamento permitirão a travessia incólume das borrascas que se avizinham.

Se é pois necessário que o Presidente do Conselho se sacrifique por mais anos, se a Pátria exige a renúncia da vida pessoal do seu Chefe do Governo, em nome da tranquilidade nas ruas e nos espíritos, então o homem que está, fica, e tão tranquilamente como só o pode aquele que obedece sem discutir aos desígnios da Providência.

Viva Portugal!

Os presentes começam a desfilar; numa sessão de cumprimentos a Salazar. António Ferro é o primeiro a cumprimentar e a sair pela porta da direita. À medida que vão cumprimentando, os presentes abandonam a sala. O último a cumprimentar é Marcelo Caetano.

Ficam em cena apenas Salazar, D.Maria e o técnico de som.

O técnico de som empurra a mesa com os microfones para um canto, e traz para o meio da cena a cadeira de repouso. Após o que também abandona a cena.

As luzes vão-se apagando, permanecendo apenas dois focos. Um, que ilumina D.Maria, a qual permanece junto da esquerda alta, e outro, que ilumina a cadeira.

Salazar, com o jornal na mão, deixa-se cair na cadeira e embrenha-se na leitura.

Ouve-se “He’s an Englishman” da Cena VII (“Carefully on tip-toe stealing”) do II Acto da opereta “H.M.S.Pinafore”, de Gilbert e Sullivan.

Cai o pano.

FIM